O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 18 DE AGOSTO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:718

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Questão alimenticia.—Politica districtal.—A verdade historica.—Noticias locaes.—Direito de petição.—Cartas de lei.—Noticias diversas.—Folhetim, Curso de piscicultura pratica, *por Fernando de Vilhena.*—Novas de longe.—Secção litteraria: «O post scriptum», *por Agnelo Oscar.*—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

QUESTAO ALIMENTICIA

Alguns padeiros elevaram 5 e 10 réis o custo do kilo de pão, e o governo providenciou immediatamente para que os moageiros não explorassem o publico, nem os manipuladores tirassem d'ahi partido em seu beneficio. Parece que vae ser reduzido o direito sobre as farinhas estrangeiras, estabelecendo-se na capital algumas fabricas de pão por conta do municipio. D'este modo se combatem com vantagem os planos da especulação, que não honra os industriaes da capital, que pretendem aproveitar-se das circumstancias para se locupletarem com o suor do consumidor.

Procedeu acertada e energicamente o governo. Em todos os assumptos de administração é necessaria a energia temperada com a moderação, para que se conheça que não se póde fazer tudo impunemente, e que a liberdade de commercio não é o abuso, que se permitte o explorar a miseria publica, sem consideração por ninguem.

POLITICA DISTRICTAL

Já lá vae o tempo em que as administrações descuravam totalmente os interesses d'Aveiro, não fazendo caso das mais instantes reclamações da opinião publica local. A tutella sugava os dinheiro do contribuinte, e de melhoramentos não se tratava. Como houvesse mandantes favorecidas nas suas conveniencias particulares, do resto não se queria saber. Queria-se e aceitava-se a influencia que dá o poder, mas não se empregavam os meios para beneficiar o povo nas suas justas pretenções.

Vieram os progressistas, e tudo mudou de face. Ninguem mira ao engrandecimento pessoal, as aspirações mais legitimas não se mostram despeitadas por não serem attendidas, e todos se empenham deveras porque a cousa publica prospere. Toma-se o bem geral por objectivo, e todos trabalham para o conseguir. Ninguem se amofina por supostas desconsiderações, porque onde ha disciplina não se trata de pessoas, e muito menos de lhes lisongear as vaidades.

Como consequencia foi Aveiro dotado com um corpo de policia civil, criou-se o azylo-escola, e vamos ter um edificio para as repartições publicas, que andavam dispersas, e em edificios que mal se prestam ao fim, resultando d'aqui estarem mal acommodados, o lyceu, o governo civil, a repartição de fazenda do districto, a direcção das obras publicas etc., tudo por o desleixo com que os trunfos regeneradores trataram dos negocios de Aveiro e do districto.

Tivemos já o alargamento do Cojo e refeito o caes desde a ponte até á nova praça Princeza Amelia, temos a obra do caes da praça do Peixe, a classificação como estrada real desde o Espirito Santo até Sá, o que foi beneficio para a cidade, e vamos ter o alargamento da Costeira, d'aquella garganta medonha, bem como da ponte que lhe fica em frente.

Tudo isto em dois annos revela que o partido progressista tem em subida consideração os interesses d'esta terra, pondo acima de tudo a commodidade e o bem estar dos seus habitantes.

E a par de tantos e tão notaveis melhoramentos, o que valem os protestos do despeito insoffrido e intransigente, que vendo-se desacompanhado da opinião pretende sacrificar ao seu capricho tudo o que se opõe á sua desmesurada ambição?

O povo bem diz os que promovem os seus interesses, e não faz obra pelas raivas impotentes dos larvados, que supozeram que haviam de governar o mundo. Ficaria acado o que caisse em escutar as diatribes, as jaculatorias facciosas, de quem vive só para calumniar e injuriar o proximo. O povo vê que se traduzem em factos as suas aspirações, e tanto lhe basta para se consagrar pacificamente aos seus labores quotidianos. Que lhe importa a elle, que a colera dos pretendentes infelizes, que os assomos dos candidatos malogrados desabafe em doestos, que provam o derrancamento de espirito, as attribulações da inveja, o mal estar dos que em toda a sua vida de saltimbanco se mostraram desagradecidos e ingratos?

Não pensem que illudem já alguem os libellos famosos, os editos em pandecta, que fizeram as delicias dos leitores da imprensa de ha 30 annos. O expediente gastou-se com o uzo immoderado que lhe deram, e agora despejem ou deixem enferrujar os bacamartes da calumnia, já ninguem faz caso das atoardas d'estes especuladores sorumbaticos, que com a mesma facilidade servem a Deus e ao diabo.

E aludem á cobra que mordeu no peito do que a encontrou entorpecida na estrada, e que a aqueceu com o calor do proprio corpo! O renegado tem coragem para malsinar os outros com o epitheto que só elle merece. Mordeu a mão do bemfeitor, que era seu proprio irmão, e depois... escoucou-nos a sombra, já que não pod a anavalharnos com as prezas de javardo.

E são estes os que se inculcam como defensores, não do povo, que desprezam, mas da barriga a que sacrificam exclusivamente como á unica cousa que amam e preferem na terra.

A VERDADE HISTORICA

Amigo e sr. redactor.—Os pataratas não cessam de atordoar-nos com as suas cantilenas, mas a respeito de demonstrações... zero. Fallam em liberdade, mas só para a insultarem, e chamam aos outros teimosos, quando elles é que teimam em se apresentarem como intransigentes na materia que deviam tratar com inteiro desprendimento politico.

Eu sei que elles por toda a parte conclamam, *que não querem saber do hospital; que não se lhes importa que seja bom ou máu o tratamento dos doentes, e que o seu fim é, conseguir pôr de lá fóra as irmãs hospitaleiras, visto terem-se n'isso empenhado doidamente.*» E não obstante fallarem uns com os outros n'este tom, allegando que a questão da estatua e o nome de José Estevam são verbos de encher; os regeneradores, ou constituintes, ou o que são, porque são tudo e não são nada, vieram agora com um argumento piramidal, que revela já a decadencia do solitario do Cojo, cuja cachola parece não regular muito bem.

Pois este Jeremias de tripeça não veio botar loa, ameaçando o clero com o criar-se em Aveiro uma succursal da egreja evangelica? Eu bem sei que a religião d'elle é... de cão, mas o dizer isto um homem que é professor e medico, prova bem que aquella cabeça não regula, que as paixões não o deixam reflexionar, e que está aqui está a dar-nos o desgosto de o vermos em Rilhafoles.

Suporia elle que a noticia posta em circulação affastaria a gente seria da cidade do lado dos que pugnam pela ordem e a favor da humanidade? Mesquinha é a intriga que assim desce a tal manejo; mas só o manifestar similhante opinião deve pôr de atalaia todos os bons cidadãos, avaliando por ella a negrura das intenções, de quem não põe rebuço em affrontar a consciencia religiosa da sociedade portugueza, para po· meio do terror conseguir levar por diante o proposito de combater os unicos elementos convenientes que teem entrado no hospital, e que lá se conservam apesar da guerra brutal de um punhado de energumenos.

Hypocrates quiz mistificar o clero, dando assim rasão aos que lhe chamavam *homem de ganhar.* Mas olhe lá; os republiqueiros andam por ahi muito ufanos, por se lhes terem offerecido para os auxiliar na crusada da diffamação os jaimes, os gonsalves, e *tutti quanti*, que constitue a mesnada sobrescriptora. Ora que elles se offereceram, é isso publico e notorio. Até jaime escreveu algures que a *guerra era contra a classe clerical, que era cordealmente odiada em Aveiro.* E até o pae deu duas libras, talvez para pagar as bonitas cousas que tambem disseram d'elle os sobreditos cujos auctores! Tudo um pagode que revela o pudor de uns e outros, e que mostra bem o que ha a esperar das intenções de tão briosos cidadãos!

Se eu adoptasse para meu uso o conhecido aforismo de que—*a vingança era o prazer dos deuses*—como estaria a esta hora satisfeito por ver de cocaras em adoração os bonzos do carmo e do cojo, na frente dos seus insultadores de hontem, que ainda ha pouco os cobriram ahi de lodo. E tudo isto sem transicção, e unicamente por especulação politica, persuadidos uns e outros que se embaçam, reunidos pelo odio a tudo que ha de bom e util, já que todos não praticaram ainda um acto sequer que os acredite no conceito publico.

Mas a tal ameaça da egreja evangelica o que revela é a desorientação d'esta gente, que anda aterrada ao ver a manifestação imponentissima com que a parte mais preponderante d'Aveiro e do districto responde á provocação firmada pelos estudantinhos e vendedores de jornaes baratos, angariados pelas esquinas ou no jardim publico! Na verdade que a resposta não podia ser mais frisante, nem mais concludente.

E no fim elles é que não são teimosos! E tanto assim é, que até pagam os libellos, e vem depois dizer a publico que praticaram aquella benemerencia, talvez para serem elogiados no sitio em que lhes chamaram homens de ganhar.

Um irmão que já foi mezario.

NOTICIAS LOCAES

Notas da carteira.—Veio de Espinho passar dois dias a Aveiro o nosso illustre amigo, o nobre conde de Beirós.

—Esteve aqui na quinta-feira, mas apenas com demora de algumas horas, o nosso respeitavel amigo e distinctissimo patricio, o sr. conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, digno director geral de obras publicas e minas. Retirou no comboio rapido da tarde para Lisboa, sendo acompanhado até á gare da estação do caminho de ferro por alguns dos seus dedicados amigos e admiradores das suas eminentes qualidades, que poderam saber da sua estada n'esta cidade.

— Partiu no comboio rapido da tarde de quinta-feira para Lisboa, de regresso á ilha de S. Miguel, o sr. dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, digno juiz do tribunal administrativo de Ponta Delgada.

— Acha-se n'esta cidade o sr. dr. Elmano da Cunha, distincto advogado de Lisboa.

— Regressa hoje de Lisboa, com sua ex.ma esposa, o nosso illustre amigo sr. Francisco Xavier d'Eça Leal, digno inspector de fazenda n'este districto.

— Estiveram hontem em Aveiro estes nossos distinctissimos amigos os srs. dr. Alexandre de Albuquerque Tavares Lobo, integerrimo delegado do procurador regio em Estarreja; dr. Dyonisio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, intelligente e zeloso administrador do mesmo concelho, Antonio Marianno de Souza Ribeiro, muito digno thesoureiro da Camara Municipal do mesmo concelho; padre Roberto Gonçalves de Sá, respeitavel e bemquisto abbade de Esmoriz, e Ricardo Nogueira Souto, talentoso academico e jornalista.

— Visitaram-nos ha dias o nosso sympathico e amigo, e distinctissimo magistrado do ministerio publico, o sr. dr. Anthero Garcia d'Oliveira Cardoso; o nosso respeitavel amigo, e benemerito presidente da Camara Municipal d'Ovar, o sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, e o nosso illustre amigo, o sr. commendador Manuel Fernandes Ribeiro da Costa.

— Vai sair da comarca, com licença, o illustrado e integerrimo juiz de direito, o sr. dr. Alexandre de Souza Cortezão.

Estada.—Está actualmente em Espinho o respeitavel juiz do supremo tribunal de justiça sr. Antonio José da Rocha. S. ex.a mantém na comarca da Feira todas as relações que cultivou quando alli exerceu o seu primeiro cargo judicial, e por isso a sua chegada a Espinho é sempre motivo de prazer para as differentes classes sociaes em que a sociedade comarcã se divide.

O illustre magistrado tenciona demorar-se alli quasi toda a epoca balnear. Está com s. ex.a sua respeitabilissima filha—uma das sr.as mais illustradas e mais dignas que conhecemos.

Direcção das obras publicas.—Sae hoje, em gozo de licença, o dignissimo director das obras publicas d'este districto, o sr. commendador Casimiro de Souza Menezes. Parece que a seu pedido, vae ser transferido para a direcção de obras publicas do districto de Braga, vindo para aqui o distincto engenheiro o sr. Serrão. Todo o districto sente profundamente a saida do sr. commendador Menezes, porque, nos poucos mezes que aqui esteve prestou relevantes serviços, e se revellou um amabilissimo cavalheiro, um nobre caracter, e um funccionario activo, intelligente, illustrado e digno.

Demonstração.—Foi alvo de manifestações de publica satisfação, o nobre arcebispo de Mitylene durante a sua curta visita a Paradella, concelho d'Agueda. S. ex.a apenas os negocios do patriarchado lhe permittiram um pequeno repouso, foi visitar a sua aldeia, onde vivem seus velhos paes, onde existe tudo quanto para elle vale pela amisade e pela dedicação, o doce enlevo da familia.

Muitos dos amigos do illustre prelado quizeram patentear-lhe quanto apreciavam as suas qualidades, e de Agueda e Oliveira do Bairro se dirigiram áquelle ponto para o felicitarem pela alta dignidade que foi chamado a exercer, e que s. ex.a desempenha com a modestia que todos lhe reconhecem.

Serviu de interprete na allocução que lhe dirigiu, o sr. Fernando Caldeira, mimoso poeta, que teve o berço na Borralha, e que tem por Agueda singular predilecção. Dizem-nos que se foram sentidas as palavras que s. ex.a dirigiu ao sr. arcebispo de Mitylene, não foram menos commovedoras as que este ultimo proferiu ao expressar o seu reconhecimento.

Varias phylarmonicas tocaram nas ruas de Paradella, dando maior solemnidade áquella festa toda intima, em quanto nos ares estouravam as girandolas de foguetes.

Finalmente foi uma festa imponente aquella, demonstrando as muitas sympathias do nobre prelado, cujas virtudes todos conhecem, principalmente os povos do antigo bispado d'Aveiro que elle governou com a rara comprehensão das suas poderosas faculdades intellectuaes.

Nomeação.—Está definitivamente nomeado commandante de cavallaria 10 o sr. Bento da França. Pertence s. ex.a a uma familia que se illustrou no serviço das armas. Seu pae, o primeiro conde da Fonte Nova, morreu no posto de tenente-general e commandou a 1.ª divisão. Seu irmão Salvador foi ministro da guerra. Goza o sr. Bento da França bons creditos como homem e como official. Tanto basta para nos felicitarmos pela escolha do seu nome e pela sua presença em Aveiro.

O regimento de cavallaria 10 é de criação recente, e na primitiva era um agregado de contingentes de diversos corpos da mesma arma. E não obstante esta circumstancia não nos consta que houvesse um unico caso de insubordinação. A officialidade contém distinctas individualidades. E sem exceptuarmos os que actualmente se acham em serviço, devemos mencionar com saudade entre outros o antigo coronel Miranda, actualmente reformado, e os capitães Valdez, Campos e Alcoforado, que, aliam á hombridade com que honram a classe, os dotes da mais aprimorada educação.

Em Aveiro notam-se as relações mais cordeaes entre a população civil e a militar. E pelo que nos consta o caracter pessoal do novo coronel é um penhor, não só da disciplina do corpo do seu commando, mas tambem da harmonia, que para bem de todos deve existir entre aquelles dois elementos, que se devem respeitar mutuamente para a manutenção da ordem, e para o regular exercicio das instituições.

Nomeação justa.—O nosso sympathico amigo o sr. Arthur Prat, que este anno completou com muita distincção o curso de pintura na Academia das Bellas Artes de Lisboa, foi nomeado professor da escola de desenho industrial *Fradesso da Silveira*, em Portalegre. Foi acertadissima esta nomeação, porque o sr. Prat é muito intelligente, e tem um raro merito de artista.

Consorcio.—Uniu-se pelos sagrados laços matrimoniaes, em Oliveira d'Azemeis, a ex.ma sr.ª D. Maria da Soledade da Costa Basto, virtuosissima filha do nosso honrado e velho amigo, o sr. Bernardo da Costa, e senhora de aprimorados dotes d'alma e de belleza, com o sr. Francisco Lobo Pereira Caldas de Barros, um perfeito cavalheiro, dos mais dignos e respeitaveis do Douro.

A tão feliz enlace apetecemos as maiores venturas, fazendo ardentes votos por que a felicidade sorria aos noivos pelo modo mais completo.

Enlace.—Consorciaram-se na semana passada n'esta cidade a nossa patricia, a sr.ª D. Angela Casimira da Costa e Goes, com o sr. Antonio F. Valle, acreditado negociante e vereador da camara de Coimbra, para onde partiram os noivos, a quem desejamos largas venturas.

Doença.—Tem estado incommodado de saude o nosso velho e dedicado amigo o sr. padre Manuel Duarte Coentro, muito digno e illustrado director do Azylo Maria Pia, de Lisboa. Estimâmos cordealmente as suas melhoras.

Azylo-Escola.—Em sessão d'hontem, a commissão executiva da Junta Geral deliberou contractar *para mestre de carpinteria e marcenaria* da secção masculina do Azylo-Escola o sr. Antonio Carlos Salgado, habil artista d'esta cidade. Já na proxima segunda-feira devem ficar montadas as respectivas officinas. Este inicio de educação profissional é inquestionavelmente um dos mais importantes melhoramentos da nossa terra n'estes ultimos annos.

Se der os magnificos resultados que d'elle se esperam, brevemente se estabelecerão o ensino e aprendizagem de outras artes e officios dominantes na localidade, pois que é esse o pensamento que presidiu á fundação d'aquelle Azylo.

Por deliberação da Commissão districtal já tem dado entrada em ambas as secções do Azylo-Escola grande numero de menores expostos, desvalidos ou abandonados de varios concelhos do districto, e que por ahi andavam á mercê do acaso, na esteira do vicio, e até do crime, explorados por uns, escorraçados por outros, e desprotegidos de todos. Esta benemerita reorganisação do serviço de expostos a que a Commissão districtal está procedendo com louvavel actividade, energia e intelligencia, tem revellado factos verdadeiramente assombrosos e edificantes. Havia por exemplo um exposto, já de 43 annos de edade, e cuja ama, a titulo de elle ser enfézado, estava recebendo ainda da Junta Geral o subsidio de 800 reis mensaes. Havia outro, quasi da mesma edade, e que já há tempos se ausentára para o Brazil, continuando a antiga ama a receber igual subsidio a titulo de o tractar. Um dos primeiros que entrou para o novo Azylo era tão bem educado e tractado com tanto carinho em casa da sua antiga ama, que o amante d'esta foi ha dias condemnado em policia correccional n'este juizo por pancadas que déra na pobre creança. De outro informa o digno administrador do concelho da Feira que passava a vida a mendigar e a rapinar pela villa para com o producto d'essas duas lucrativas industrias se locupletar a ama que o criára. Outro ainda, disse o digno administrador do concelho de Agueda que éra urgentissima a sua entrada no Azylo, porque estava sendo barbaramente espancado pela antiga ama. D'uma infeliz menina abandonada de S. João do Loure, diz o respeitavel parocho que a vadiagem e as más companhias em breve a poderão arrastar á prostituição. Aqui mesmo, no centro da cidade, há incriveis miserias. Há annos uma rapariga do concelho d'Oliveira d'Azemeis veio aqui ter um filho, que entregou a uma pobre mulher, promettendo pagar-lhe a criação, mas que abandonou completamente, sem mais se saber do seu paradeiro. Pouco antes da instituição do Azylo teve de ser recolhido á cadeia um vadio de 10 annos, exposto, por não haver ainda então outro qualquer destino que se lhe podesse dar.

E no entanto, entre todas essas desventuradas crianças, algumas há que revellam notaveis aptidões para as artes e para as lettras. Abençoada instituição foi essa, a do Azylo-Escola, que vae tornar uteis a si e á sociedade todas essas actividades perdidas.

Movimento obreiro.—E' notavel o movimento que se opera no concelho de Estarreja desde que o braço forte do sr. Francisco Barbosa dirige alli a acção municipal. Os melhoramentos succedem-se com a rapidez, que o alcance largo das suas vistas patrioticas alcançam. Ao muito que está feito vae seguir-se muito mais. Vejamos:

A direcção das obras publicas acaba de dar parecer favoravel sobre as seguintes importantes estradas municipaes:

A que do sitio do Carregal, na freguezia de Fermelã, segue pela capella de S. João a entroncar na estrada do Sobreiro, no concelho d'Albergaria;

A que partindo da praça de Pardelhas, na freguezia da Murtoza, segue pelo caminho do Ribeiro, S. Roque, Cêpo, Igreja e Rego d'Agua a terminar na estrada districtal n.º 31-A, no logar de Santa Luzia de Veiros;

A que partindo do sitio da Cavadinha, na freguezia do Bunheiro, segue por Lagoas, Agua Liza, a entroncar na estrada municipal da villa a Pardilhó, no sitio da Palhoça;

A que partindo da estrada de Mourão, perto de Gonde, na freguezia de Avanca, segue pelo logar da Estrada, Rua Nova até ao sitio do Poço na estrada districtal n.º 27-A;

A que partindo da estrada districtal n.º 27-A, no sitio do Pinhal do Rato, na freguezia de Salreu, segue por Antuã, Senhora do Monte, Senhora do Terço, a terminar na Agrella;

A que partindo do sitio do Padrão, na freguezia de Fermelã, na estrada districtal n.º 27-A, segue pela capella de S. Bartholomeu do Rochico até ao lemite do mesmo concelho, no sitio dos Lagos;

A que partindo do Pezo do Lagar, na estrada da villa a Pardilhó, segue pelo Monte de Cima até á capella da Senhora dos Remedios.

E tudo isto emprehende um homem distincto entre os mais distinctos, forte entre os mais fortes—um homem *cujo patriotismo, cuja acção, e cuja* probidade é de todos conhecida e respeitada.

Bom serviço policial.—D'uma carta que acabamos de receber d'Oliveira d'Azemeis tomamos as seguintes linhas:

«O destacamento de policia que aqui veio, fez excellente serviço. Commandado em pessoa pelo sr. Commissario, que é um perfeito cavalheiro, o serviço que fez foi o mais conveniente. A' sua presença e ao seu cuidado se deve não ter havido em todo o decurso da grande festa de La Salette, o mais pequeno furto. Ao constar a alguns gatunos do Porto que para alli se dirigiam, que a policia civil d'Aveiro estava em Oliveira, a sua resolução em retirar-se do povoado foi prompta. E' que o corpo de policia civil de Aveiro incute tal terror aos ratoneiros, que estes não ousam apparecer onde ella está. Concluo affirmando-lhe que a criação d'essa entidade policial foi um dos melhores serviços, que e partido progressista tem podido prestar ao districto. Pena é que o numero de praças seja ainda tão limitado. Quarenta praças pouco podem fazer. Nutro porém a esperança de que na proxima reunião da junta geral o seu numero será acrescentado em ordem a poder satisfazer a todas as necessidades da zona districtal. E' isso preciso—indispensavel mesmo.»

Faltariamos ao nosso dever se deixassemos de pôr aqui as palavras do cavalheiro que nol-as endereçou. E não é sem prazer que aqui as registamos.

Registamos.—Todos conhecem aqui um rapaz de bons costumes, amigo de leituras amenas, aproveitando as horas vagas, não para frequentar as casas de tavolagem, mas para recrear o espirito. Sendo chefe da estação o sr. Ferraz, que se acha actualmente nas Caldas da Rainha, o rapaz cultivou as suas relações, e obtendo d'elle previa annuencia, conseguiu autorisação superior para praticar nos aparelhos da mesma estação, como telegraphista, fazendo serviço já na bilheteira, já na sala das bagagens.

Assim foi indo, até que um dia havendo vaga, foi nomeado empregado da Companhia do norte e leste, fazendo serviço na estação d'esta cidade. E como augmentassem e se desenvolvessem as suas aptidões, foi destacado extraordinariamente para outras estações, não havendo nenhuma desde Campanhã até ao Entroncamento de leste, em que elle não tenha servido, já como telegraphista, já como chefe, dando sempre boa conta da incumbencia.

Ha pouco mais de um anno, sendo chamado para o serviço militar, entendeu que devia remir-se, e como não tivesse dinheiro, pediu-o, deduzindo dos seus vencimentos uma verba meusal para amortisar o encargo, que nas suas circumstancias era onorosissimo.

A pessoa a quem nos referimos, e que apontamos como exemplo do que pode a vontade aliada ao bom comportamento, chama-se João Emilio Ferreira da Costa, e acha-se actualmente na estação do Entroncamento. Ponham n'elle os olhos os seus antigos companheiros, que são artistas como elle foi. Sigam-lhe as pisadas, que procederão com acerto, honrando-se a si, a terra e a familia.

Senhora da Boa-Morte.—Não nos enganámos, quando dissémos que o altar da Virgem estaria lindamente engalanado, pois o seu effeito foi além de toda a espectativa. Variegadas flores naturaes, em artistica e nova disposição, davam-lhe um realce deslumbrante, assim como a collocação caprichosa e bella da toalha, tudo prova do bom gosto dos decoradores, a conhecida e apreciada familia Ferreira, que capricha no explendor do culto da veneranda imagem, que tinha um novo vestido, bordado a ouro, tambem sua dadiva. A festa esteve boa, e muito concorrida.

Solemnidade.—Com a costumada pompa realisa-se ámanhã no alegre templo do Coração de Jesus a festa annual, mandada fazer pela devota associação de senhoras do Apostolado da oração do mesmo sagrado Coração, havendo exposição, missa solemne, a grande orchestra, e sermão pelo distincto orador, o revd.º sr. Alberto de Vasconcellos. De tarde celebram-se as cerimonias lithurgicas do costume. A egreja deve estar deslumbrantemente ornamentada.

Novenas.—Começaram hontem de tarde, no formoso templo de Jesus, piedosas novenas em louvor do Sagrado Coração de Maria, cuja festividade se ha de realisar no dia 26.

Tribunal Judicial.—A Camara Municipal d'este concelho representou ao governo sobre a urgente necessidade de se mandar proceder a obras de reparação e transformação na parte do edificio dos Paços do concelho onde se acha funccionando o tribunal judicial da comarca, e o tribunal administrativo do districto.

Junta d'inspecção.—Sessão de 16 de agosto.—*1.ª junta.*—Inspeccionou 53. Approvou 32, isentou 9, mandou em observação para o hospital 2, e temporisou 10.

2.ª junta.—Inspeccionou 72. Approvou 53, isentou 6, temporisou 11, e mandou para observação no hospital 2.

Sessão de 17.—*1.ª junta.*—Inspeccionou 49. Approvou 30, isentou 7, e temporisou 2.

2.ª junta.—Inspeccionou 28. Approvou 22, isentou 2, e temporisou 4.

Visitantes.—A gosar os largos horisontes e pittorescos panoramas da nossa terra teem vindo muitos visitantes, que dão vida e animação á cidade. Effectivamente a actual quadra, em que as salinas em completa elaboração dão á paizagem uma côr local, que se não encontra outra assim no paiz; a formosa ria, coalhada de barcos e bateiras, com as velas enfunadas pelo fagueiro norte; as searas, e os arvoredos nos seus ferteis campos; e os passeios tão ameños nos arredores, são tudo attractivos que prendem e enlevam os que visitam esta mimosa filha do Vouga.

A charanga.—Parece que se acha desorganisada, pois não tem tocado no jardim. Pedimos providencias ao digno commandante.

Movimento telegraphico.—E' verdadeiramente extraordinario o movimento telegraphico na estação d'esta cidade. Augmenta-o decerto o commercio da sardinha, que é grande aqui. Dia houve já em que a expedição de telegrammas chegou a 177. E isto é verdadeiramente notavel.

Desastre.—Na noite de ante-hontem desabou o tecto d'estuque d'uma casa da rua do Sol, que felizmente estava desabitada então. A casa ameaça ruina, e por isso será bom fazel-a apear, antes que haja lamentar maior desastre.

Serviço das matrizes.—No mez de julho ultimo trabalharam na inspecção directa aos predios dos concelhos d'este districto 71 commissões. O serviço já se acha ultimado em 61 freguezias.

Fabrica de mongem.—Já se acha montada a d'Arada, e tem tido muito trabalho, o que devéras estimamos.

Arrematações.—No dia 29 d'agosto tem logar no governo civil e na administração do concelho da Feira a arrematação simultanea de bens pertencentes ao passal de S. Jorge, do dito concelho. No mesmo dia e no governo civil, se arrematam tambem alguns bens, pertencentes á confraria do Santissimo de Casal Comba, concelho da Mealhada.

No dia 31 d'agosto vão á praça no mesmo governo civil varios fóros da fazenda nacional, impostos em bens do concelho d'Oliveira de Azemeis.

E no dia 12 de setembro proximo se hão-de vender mais fóros, impostos em bens do mesmo concelho.

Trovoada.—Na quinta-feira de tarde a atmosphera apresentou-se bastante carregada, produzindo algumas descargas electricas muitos fortes, acompanhadas de copiosa chuva, que dissipou felizmente a trovoada.

Trabalho no mar.—O mar continua bom, produzindo sardinha em algumas costas, e em outras nada. Este ultimo caso dá-se para o norte, onde pouco tem havido. As costas do sul teem sido mais felizes pescando sempre mais ou menos, mas sendo a pesca sempre boa sardinha. Os preços são flutuantes como costumam ser, sendo a abundancia ou a carencia que os regula. Hoje está por 1$300 reis o milheiro.

Trabalhos marnotaes.—A chuva de ante-hontem prejudicou um pouco a salga das marinhas. O sol e o calor de hontem, porém, reposeram os sólos no seu anterior estado e a colheita continua em boas condições. E' certo, porém, que o sal colhido até hoje não é ainda o preciso para ser o equivalente a metade da safra passada. Se o tempo, porém, continuar assim, não ha difficuldade em affirmar que ella chegará ás proporsões da colheita anterior.

O preço continua a ser o de reis 20$000 o antigo barco ou a medida de 15:000 litros.

DIREITO DE PETIÇÃO

Continuamos a publicar os nomes dos signatarios da representação dirigida ao chefe do Estado, pedindo a conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro.

Condessa de Beiroz.
Conde de Beiroz.
Alda de Lacerda Azevedo e Lemos.
Maria de Lacerda Sousa Menezes e Alvim.
Ignez Gladis Harney.
José Correia de Lacerda.
Carolina Esther.
Magdalena de Jesus Varzea.
Antonio Soares d'Almeida.
Padre Joaquim Tavares Dias.
Padre Daniel Tavares Rodrigues Veiga.
Antonio Thomaz de Sá Abreu Freire Valente, proprietario e maior contribuinte,
José Maria d'Abreu Freire, bacharel formado em Direito.
O prior, Joaquim da Costa Negraes.
O prior, José dos Santos Seabra.
João Corrêia d'Almeida, bacharel formado em Direito e presidente da junta de parochia.
Joaquim Lopes Povoa, proprietario e lavrador.
Manuel Lopes Tavares do Cruzeiro, presidente de junta de parochia.
Fernando de Pina Rezende Abreu, proprietario.
Joaquim Augusto de Mattos e Silva, proprietario.
Antonio Augusto Rodrigues da Gama, proprietario.
João de Pinho Ribeiro Sousa Lobo, proprietario.
Antonio Paes Soeiro Cabral, proprietario.
Manuel Coelho d'Amorim, proprietario.
Narciso Coelho d'Azevedo, proprietario.
Antonio Caetano Baptista, proprietario.
Faustino Albano Ferreira da Cunha, proprietario e maior contribuinte.
José Luiz M. Ferreira da Cunha, proprietario.
D. Maria José d'Abreu Machado.
Alberto d'Abreu Ferreira da Cunha, conductor d'obras publicas.
D. Justina Adelaide Ferreira.
D. Justina Emilia Ferreira de Seabra.
D. Libania Abranches Ferreira da Cunha.
D. Maria do Carmo Abranches Ferreira da Cunha.
D. Maria da Conceição Alves.
D. Amelia Adelaide Correia d'Almeida.
João Ferreira Netto, medico, proprietario e maior contribuinte.
José Fernandes Pimenta, estudante do curso superior.
Julio Marques da Silva Lourenço, negociante.
Mauricio Fernandes Pimenta, proprietario.
O prior, Manuel Rodrigues d'Oliveira.
Padre José Cardoso de Mello.
Padre Adriano Rodrigues Pereira, professor publico.
Padre Albino Joaquim d'Almeida e Oliveira, coadjutor.

João Nicolau Novo, proprietario.
Manuel Lopes dos Santos, proprietario.
Joaquim Francisco dos Santos, proprietario.
Amancio da Silva Torres, proprietario.
Antonio Lopes da Trindade, lavrador.
Manuel Joaquim Povoa, lavrador.
Luiz da Roza, lavrador.
Manuel Martins, lavrador.
Filippe Dias da Conceição, lavrador.
Manuel de Moraes, lavrador.
José Lopes Povoa, lavrador.
Antonio Martins dos Santos, lavrador.
Manuel Francisco dos Santos, lavrador.
Manuel Lopes de Carvalho, lavrador.
Manuel Simões de Carvalho, lavrador.
Manuel da Cruz Izidoro, artista.
Padre João Marques Rebello.
Antonio José Martins Pereira, pharmaceutico.
Manuel Tavares da Silva, proprietario.
José Maria Pereira de Lima, proprietario.
José Martins, lavrador.
Joaquim Cardoso da Silva, alvener.
Manuel Antonio Henriques, lavrador.
Antonio Pereira de Lima, lavrador.
Antonio Joaquim Marques, lavrador.
Manuel Martins Henriques, lavrador.
José Henriques Pereira, lavrador,
José Domingues Pereira Guerra. proprietario.
Manuel Pereira, lavrador.
Antonio Venancio, operario.
Agostinho Rodrigues de Macedo.
Antonio Martins Pereira de Vasconcellos, proprietario, maior contribuinte, e professor publico.
D. Luciana Fortunata Pereira de Vasconcellos.
Joaquim Pereira de Vasconcellos, proprietario.
Agostinho Henriques Pereira, lavrador.
José Rodrigues Henriques, lavrador.
José Rodrigues, lavrador.
Manuel de Bastos, lavrador.
Antonio Domingues Pereira, lavrador.
João Francisco Leitão, operario.
Joaquim Henriques Rebello, proprietario.
João Martins da Silva, lavrador.
Luciana Augusta.
José Maria Pereira de Lima, proprietario.
Antonio Martins Raymundo, lavrador.
Manuel Martins da Silva Rego, proprietario.
José Francisco da Silva, lavrador.
José Pereira de Lima, negociante.
Joaquim Henriques T. Rebello, proprietario.
Americo Ribeiro da Rocha, proprietario.
Antonio Bazilio d'Oliveira, proprietario.
José Augusto d'Oliveira, proprietario.
Vicente da Silva, proprietario e lavrador.
Joaquim Rodrigues Lameirinhos, proprietario.
Zacharias Rodrigues Lameirinhos, proprietario.
Manuel José Coelho, proprietario.
José Rodrigues Lameirinhos, proprietario.
João Francisco Cordeiro, proprietario.
José Ferreira Varandas, proprietario.
Manuel Gonçalves de Barros, lavrador.
José Pereira Leitão, lavrador e proprietario.
Joaquim Fernandes Pereira, lavrador e proprietario.
Manuel Francisco Bandeira, lavrador.
José Ferreira Baptista, proprietario e lavrador.
Joaquim Gonçalves de Barros, lavrador.
Antonio Gonçalves de Barros, proprietario e lavrador.
Antonio Simões da Cruz, proprietario e lavrador.

Estevão Gomes Loureiro, lavrador e proprietario.
José Coelho Junior, lavrador.
José Coelho, lavrador e proprietario.
Manuel Francisco Cordeiro, lavrador e proprietario.
José dos Santos Ferreira, negociante.
Manuel Duarte, lavrador.
Antonio Martins da Rocha, proprietario.
Antonio Fernandes Moreira, proprietario e lavrador.
Antonio Simões Miranda, proprietario.
José Gomes Loureiro, proprietario.
José Francisco Bandeira, proprietario.
Joaquim Loureiro, proprietario.
Manuel Francisco Ramalho, artista.
Joaquim Rodrigues d'Oliveira, lavrador.
Antonio Gonçalves Baptista, proprietario.
Manuel Vieira, lavrador.
Antonio Rodrigues da Silva, professor publico.
Anna dos Santos Cunha, proprietaria.
Joaquina Candida dos Santos, proprietaria.
Rita Julia dos Santos, proprietaria.
Antonio Anastacio da Costa Nunes, lavrador.
João José da Costa Bernardes, proprietario.
José d'Oliveira, artista.
Manuel de Sousa e Carmo, proprietario.
Antonio Fernandes, lavrador.
Antonio Teixeira, proprietario.
Cesar Henriques de Seabra Rangel, pharmaceutico.
João Ferreira da Costa, lavrador.
D. Lia Luciana de Seabra.
Floripes Henriques da Silva Rangel, proprietario.
Gervasio Duarte da Silva, ajudante de pharmacia.
José Ferreira Succena, proprietario.
D. Joaquina Gomes Succena.
Joaquim Ferreira Succena, proprietario.
Bernardo de Seabra, proprietario.
José Seabra da Motta, negociante.
Manuel Seabra da Motta, negociante.
Adriano Joaquim Canario, negociante.
Alfredo Antunes da Silva, proprietario.
João Ferreira Succena, proprietario.
Martinho Ferreira dos Santos, proprietario.
Vicente Marques Moura, proprietario.
Joaquim Ferreira Succena, proprietario.
Joaquim Simões Ferreira, proprietario.
Joaquim Ferreira Jacob Junior, proprietario.
Abilio Ferreira Carreta, proprietario.
José Rodrigues de Carvalho, proprietario.
Manuel Simões Ferreira, proprietario.
Manuel Rodrigues d'Almeida, artista.
Antonio Marques Mourão, lavrador.
Abilio Carreta dos Santos, lavrador.
José Joaquim Ferreira Coelho, proprietario.
Henrique Marques Moura, negociante.
D. Anna Maria de Seabra.
O abbade, Manuel Teixeira Barbosa.
Padre Manuel Vieira Gomes.
Eduardo de Sousa Gonçalo, negociante.
Joaquim Francisco Vieira, lavrador.
José da Rocha, lavrador.
Constantino Giminiano Ferraz, artista.
José Cardoso da Cunha, negociante.
Luiz Pereira, lavrador.
Joaquim Pinto Seabra, proprietario.
Luiz Mendes Moreira, lavrador.
Manuel Vieira, artista.
Manuel Cardoso da Cunha, proprietario.
Martinho Antonio Ferreira, lavrador.
Antonio da Rocha, artista.
José Mendes d'Oliveira, artista.
Manuel Teixeira, lavrador.
Francisco Teixeira, lavrador.
Joaquim Pinto Barbosa, proprietario.

José Teixeira, lavrador.
O Prior, Francisco dos Santos e Cunha.
Francisco da Costa Nunes, negociante.
Joaquim da Silva Moreira, proprietario.
José Pereira Leal Torres, proprietario.
Luiz José da Costa Bernardes, proprietario e maior contribuinte.
Antonio Soares da Costa Chã Novo, lavrador.
Arnaldo Marques, operario.
Antonio da Costa Nunes, proprietario.
Manuel Cardoso Alves de Vasconcellos, proprietario.
Antonio Cardoso Moreira, lavrador.
Bernardo José da Cunha, maior contribuinte.
Francisco da Rocha Pereira, lavrador.
José Alves Madeira, lavrador.
Antonio Teixeira, lavrador.
Martinho d'Oliveira Damas, lavrador.
João da Costa Bernardes, proprietario.
Luiz Correia da Rocha, proprietario.
João Nunes Aguiar dos Santos, parocho de Fermelã.
Padre Manuel Joaquim Soares de Almeida.
João Pires Tavares, artista.
Manuel Nunes Beirão, lavrador.
José Matheus de Moraes, lavrador.
Francisco Antonio Moutão, artista.
José Francisco de Sá Martins, proprietario.
José d'Almeida Salgado, proprietario.
Joaquim Domingues Caramujo da Graça, lavrador.
Francisco d'Almeida Matheus de Moraes, lavrador.
João Domingues Caramujo, lavrador.
Manuel Domingues Caramujo, lavrador.
Manuel Matheus de Moraes, lavrador.
Manuel Francisco Gomes, lavrador.
Manuel Joaquim Nunes Beirão, proprietario.
Manuel Joaquim de Moraes, lavrador.
Manuel Domingues Freire, lavrador.
Anna Maria dos Santos.
Maria Ribeiro dos Santos.
Manuel Domingues Capelleiro, lavrador.
João Soares Pereira, artista.
José Rodrigues Onofre, lavrador.
Manuel Esteves Loureiro, lavrador.
Manuel Dias d'Oliveira Ribeiro, lavrador.
José Francisco dos Reis Montão, lavrador.
José Matheus Capelleiro, lavrador.
João Matheus Capelleiro, proprietario.
Antonio Pereira da Silva, lavrador.
Pelagio José Rodrigues de Sá, lavrador.
Francisco Pires Martins, lavrador.
João Domingues Freire, lavrador.
Bernardino Marques Vidal, artista.
José Nunes Beirão, lavrador.
João Francisco d'Almeida, lavrador.
Caetano Luiz Alves Ferreira, proprietario.
José Domingues Freire, lavrador.
Maria Domingues Baptista.
José Matheus de Moraes, lavrador.
Maria Augusta da Conceição.
Manuel Luiz Alves Ferreira, lavrador.
Manuel Rodrigues Onofre de Sá, carpinteiro.
Basilio José de Mattos, sapateiro.
João Luiz Alves Ferreira, lavrador.
Antonio Domingues Caramujo da Graça, lavrador.
Joaquim Matheus de Moraes, lavrador.
Maria da Conceição d'Almeida.
Joaquina Maria Soares.
João d'Almeida Bagulho, lavrador.
Antonio Matheus de Moraes, lavrador.
Rodrigo Antonio Fernandes, prior.
Padre Manuel Marques Nogueira da Silva, proprietario.
Abilio de Carvalho, lavrador.
Manuel Marques Dias, lavrador.
Manuel da Silva, lavrador.
O abbado, João Luiz Maria de Freitas.

Padre Manuel Leandro Cardoso da Cruz.
Bernardino Gomes Pereira, proprietario.
Antonio da Silva Porto, regedor de parochia.
José Paes Cosme, proprietario.
Bernardino Coelho d'Azevedo, proprietario.
O abbade, Custodio José da Fonseca Bastos.

(Continúa.)

CARTAS DE LEI

O *Diario do Governo* de quarta-feira, publicou as seguintes:

Pelo ministeris do reino, com data de 9 de agosto.

1.ª

Artigo 1.º São declaradas de utilidade publica e urgente as expropriações dos predios, rusticos e urbanos, comprehendidos nas zonas, que forem necessarias á camara municipal de Lisboa, para construir o parque da Avenida da Liberdade e ruas adjacentes, parallellas ou incidentes, e para a abertura da avenida das Picoas ao Campo Grande, e ruas adjacentes, parallellas ou incidentes,

§ unico. As expropriações poderão abranger tambem uma faxa annexa e exterior aos respectivos perimetros, até á largura de 50 metros.

Art. 2.º Os planos e traçados das obras mencionadas no artigo antecedente serão préviamente approvados pelo governo, ouvida a junta consultiva de obras publicas e minas.

Art. 3.º E' concedida a todos os proprietarios, cujos predios estiverem comprehendidos no plano das obras mencionadas no artigo 1.º e seu § unico. a preferencia na execução das mesmas obras, se se obrigarem a executal-as no praso fixado pelo governo conforme o plano devidamente approvado, e se mostrarem que dispõem dos recursos indispensaveis para esse fim. Igual preferencia será concedida, nos mesmos termos, aos proprietarios que possuirem mais de metade dos terrenos a expropriar, sendo, n'este caso, expropriados, nos termos dos paragraphos seguintes, os terrenos pertencentes aos que não quizerem associar-se com os outros, para usar da preferencia.

§ 1.º O direito de preferencia estabelecido n'este artigo deverá ser exercido, com relação a ambas ou a cada uma das zonas mencionadas no artigo 1.º, no praso de cem dias, depois de approvado e exposto ao publico o plano das obras.

§ 2.º Se os proprietarios não usarem da preferencia estabelecida n'este artigo, a camara municipal de Lisboa será obrigada á execução das mesmas obras que constarem do plano que tiver sido approvado, e a cuja execução seriam obrigados os proprietarios, se tivessem usado d'esta preferencia; se, porém, a camara dér de empreitada as referidas obras, o praso da execução d'ellas nunca poderá exceder aquelle que tiver sido imposto aos proprietarios, sob pena de ser obrigada a camara a pagar aos respectivos proprietarios 10 reis por cento sobre as indemnisações que por esta lei lhes são devidas.

§ 3.º Se os proprietarios não usarem do direito de preferencia consignado n'este artigo e seu § 1.º, proceder-se-ha á expropriação dos mencionados predios pelo seu valor actual e nos termos da legislação vigente, e, posteriormente, á venda em hasta publica, por conta da camara e dos proprietarios, dos predios ou parte d'elles que sobrarem das obras municipaes, pertencendo á camara, além do primitivo preço da expropriação, 75 por cento do augmento do valor obtido em praça; e 25 por cento do mesmo augmento aos respectivos proprietarios. Os proprietarios expropriados poderão, comtudo, no acto da praça, usar do direito de preferencia, restituindo á camara o preço da expropriação, e cedendo-lhe 75 por cento do augmento do valor obtido na praça.

§ 4.º Quando os predios expropriados e postos em praça pertencessem a mais de um proprietario, o direito de preferencia estabelecido no paragrafo antecedente pertencerá áquelles que tiverem, com frente para as novas ruas, praças e avenidas, maior porção d'esses predios. Sempre que não inconveniente para a realisação do plano de obras e de futuras construcções, formar-se-hão os lotes para a venda em terrenos de um só proprietario. Nos lotes que comprehendam terrenos que houvessem pertencido a mais de um proprietario, aquelle que usar do direito de preferencia pagará aos restantes os 25 por cento sobre o augmento do valor da praça em proporção do terreno de cada um.

§ 5.º Se os proprietarios usarem do direito de preferencia estabelecido no § 3.º, não serão obrigados ao pagamento da contribuição de registo.

Art. 4.º Se nas expropriações de que trata o artigo 1.º fôr comprehendida só parte de algum predio ou edificio, poderá o seu proprietario obrigar a camara a fazer a expropriação de todo o edificio ou predio.

Artigo 5.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

2.ª

Artigo 1.º As disposições da carta de lei de 18 de julho de 1885, contidas no artigo 173.º e no artigo 174.º e, respectivos paragraphos, são applicaveis ao serviço geral dos incendios do municipio do Porto, com as seguintes modificações:

1.ª O maximo da despeza d'este serviço será de 40:000$000 réis annuaes;

2.ª O subsidio do thesouro publico será de 12 por cento da quantia consignada pela camara ás despezas d'aquelle serviço;

3.ª A contribuição sobre as companhias e agencias seguradoras será de 6:666$666 réis.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação contraria a este.

3.ª

Artigo 1.º É concedido ao administrador do hospital das Caldas da Rainha o direito de aposentação, quando tenha trinta annos de effectivo serviço no estabelecimento e mais de sessenta annos de edade, regulando-se essa aposentação pelo disposto no decreto com força de lei n.º 1, de 17 de julho de 1886.

Artigo 2.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

Pelo ministerio da guerra com data de agosto.

4.ª

Artigo 1.º São extensivas aos empregados da administração e secretariado militar as disposições do alvará de 16 de dezembro de 1700.

Art. 2.º Não teem direito a esta concessão os empregados a que tenham sido applicadas as disposições do artigo 224.º do regulamento de 18 de setembro de 1844.

Artigo 3.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

5.ª

Artigo 1.º Os officiaes das differentes armas do exercito ou do corpo do estado maior, que á data da publicação do decreto de 30 de outubro de 1884 já tinham o posto de coronel e foram comprehendidos na classificação do corpo de engenheiros de obras publicas, approvada por decreto de 28 de outubro de 1886, são dispensados de satisfazer ás provas theoricas e praticas de que trata o artigo 177.º d'aquelle decreto, quando sendo chamados a prestar as ditas provas declarem que preferem continuar no serviço do ministerio das obras publicas.

§ unico. Os coroneis que fizerem a declaração a que se refere este artigo serão promovidos para fóra do quadro das suas respectivas armas ou corpo do estado maior, quando por escala lhes pertencer, e sem direito a voltarem de novo ao serviço do ministerio da guerra.

Art. 2.º São extensivas as disposições do artigo 1.º e seu paragrapho aos coroneis de qualquer arma e do corpo do estado maior que se acharem actualmente em serviço estranho ao ministerio da guerra, quando desistam do direito que lhes assiste de voltar a fazer parte do quadro do generalato.

Artigo 3.º Fica revogada a legislação contraria a esta.

NOTICIAS DIVERSAS

Manifestações de regozijo.—De Vianna, em data de 15, dizem-nos o seguinte:

«Ha aqui grande enthusiasmo pela noticia de ser mandado lavrar o decreto para a arrematação das obras do porto de Vianna do Castello. Preparam-se manifestações de regozijo,

Do Gerez tambem nos dizem na mesma data:

«Estão iniciados os trabalhos para a arborisação do Gerez. O sr. conselheiro Elvino de Brito, director geral da agricultura, e os srs. Pedro Roberto e Loureiro, foram hoje até Leonte, voltando encantados das bellezas dos locaes que percorreram. O sr. Pedro Roberto, acompanhado de tres empregados florestaes e de alguns guias, prosegue nos estudos pelos rios Homem e Caldo. A' manhã seguirão o curso do rio Cavado até Barrageira.

Transcripções.—São do *Jornal do Povo*, d'Oliveira d'Azemeis, de 15 as seguintes noticias:

Festividade de N. S. de La-Salette. —Decorreram sempre com muita ordem e boa direcção os ruidosos festejos celebrados n'esta villa nos dias 11, 12 e 13 do corrente em honra da Virgem de La-Salette. As illuminações que mais effeito produziram foram as da rua do Martyr, que era soberba, e a da rua Direita, que, apesar de estar um pouco aquem das dos annos anteriores, ainda assim era de effeito.

Na praça, que estava tambem vistosamente illuminada a balões venesianos e lanternas, e onde se acotevelava uma grande multidão de pessoas, tocaram do sabbado até á 1 hora da noite as tres bandas marciaes.

Foi muito concorrido o arraial de domingo no monte dos Crastos, que offerecia uma vista esplendida: quando o prestito religioso se aproximava do monte milhares de pessoas apinhavam-se em longas filas desde o sopé do monte até á capella, curvando-se todos com a maior reverencia ante a imagem da Virgem. Centenares de devotos precediam na procissão o andor da Virgem, com vellas accesas, formando uma enorme procissão.

A festa de egreja no domingo foi uma das mais brilhantes a que temos assistido. A orchestra desempenhou bem a missa, algumas partes da qual foram magistralmente cantadas pela ex.ma sr.ª D. Lepoldina Pinto Basto de Carvalho, distinctissima amadora, que obsequiosamente se prestou a coadjuvar com o seu talento a orchestra.

Ao Evangelho orou por espaço de mais d'uma hora o bem conhecido e notavel orador sagrado Alves Mendes. Foram tão sublimes as suas palavras d'eloquencia, tão perigrinos os seus pensamentos, que prenderam as attenções de todos os ouvintes, que viam no insigne orador quasi uma inspiração. A sua eloqueneia sahia a catadupas, como a lava d'um vulcão. O maior elogio que podemos ou sabemos tecer a s. ex.ª é chamar-lhe—a aguia do pulpito portuguez.

Na segunda-feira tocaram até depois da meia noite as bandas marciaes de caçadores 9 e a de S. Thiago, que executaram o melhor de seus reportorios. A banda de caçadores executou correctissimamente, entre outras composições de grande merito, a symphonia da *Semiramis*, sendo no final muitissimo applaudida.

Os festejos terminaram sem que durante elles houvesse o mais pequeno desgosto, apezar da enorme concorrencia que este anno foi extraordinaria, tanto no sabbado como no domingo, o que muito embaraçou o serviço das illuminações nas ruas.

Senhora da Saude. — Hontem e hoje houve o costumado arraial da Senhora da Saude, na freguezia de Castellões, concelho de Cambra, onde é costume concorrer grande numero de romeiros.

Mais.—São da *Soberania do Povo* de 16, as seguintes noticias:

Muitos amigos e admiradores do sr. arcebispo de Mitylene deram a este illustrado e virtuoso Prelado na tarde de segunda-feira uma alta prova de estima e de respeito. Mais de tresentas pessoas, de todas as classes e de todos os partidos, foram cumprimentar aquelle nosso distincto conterraneo á sua casa de Paradella.

O sr. Fernando Caldeira, o inspirado poeta, interpetrando o sentimento de todos os presentes, dirigiu ao sr. arcebispo uma allocução tocante e sentida, respondendo o Prelado com palavras commovidas de agradecimento e jubilo. A' porta da casa do sr. arcebispo de Mitylene tocaram por largo espaço as phylarmonicas de Agueda, Aguada de Cima e Fermentellos, e subiram ao ar numerosas girandolas de foguetes. Foi uma merecida e justificada manifestação em que tomaram parte muitas pessoas qualificadas do concelho d'Agueda e Oliveira do Bairro. Não damos a lista dos nomes d'essas pessoas, porque não só nos levaria espaço, que não temos, mas tambem podia ser ommissa, e nós desejamos evitar qualquer falta.

Não nos alargamos em uma descripção maior da sympathica manifestação porque o nosso collaborador Fernando Silva-Escura mandou-nos uma carta sobre este assumpto, carta que só podemos publicar no proximo n.º

— Um extraordinario caso acaba de dar-se na povoação de Assequins. Ha alli uma familia, muito honesta e trabalhadora, composta de pae, mãe e dois filhos menores. O pae, Manuel Luiz d'Abreu, jornaleiro, tem 20 annos. A mãe é ainda mais nova. E' uma rapariga sympathica e boa. Adoram os filhos. O mais novo tinha apenas um anno. Era doente, achacado, e ia emagrecendo todos os dias. A mãe persuadia-se que andava feitiçaria com o filho e aconselhara-se com a visinhança que a convencera da necessidade de ir ter com um curandeiro ou um «advinhão». A pobre mãe, afflicta, carinhosa, dedicadissima, via o filho morrer e queria salval-o. Resolveu ir fallar ao «feiticeiro» na terça-feira 14. Uma mulher d'Agueda tinha-se já offerecido para a acompanhar.

Na noite de segunda para terça-feira o pae da creança doente foi dormir á gandara, a um pinhal oude rachava lenha. A mãe ficou só em casa e nem se deitou na sua cama. Estendeu-se em uma caixa, junto á porta e deitou-se com o filho mais novo, improvisando uma cama ligeira. A creança ficou entre a mãe e a parede, mas com os vestidos juntos á cabeceira.

A' uma hora da madrugada a mãe, depois de um sonho violento, em que via o filho a morrer, accordou sobresaltada e não encontrou a creança no sitio onde a tinha deitado. Levantou-se logo e achou fechadas a porta e a janella da rua. Ia enlouquecendo. Procurou por toda a casa e afinal encontrou o seu filho em um compartimento da pequena habitação, sobre um monte de cal viva, com a face voltada para a cal, a cabeça quasi escondida sob duas caixas de pinho que separavam o monte da cal do exiguo compartimento. A creança estava morta. A mãe começou então a gritar, pedindo soccorro.

Na terça-feira foram as auctoridades judiciaes investigar d'este facto. Todas as pessoas visinhas e toda a povoação d'Assequins são unanimes em dizer que os paes da creança morta são boa gente e eram extremosissimos com o filho. O povo rude e inconsciente attribue o caso a bruxedo e feitiçaria. Não se convence ninguem, n'aquelle sitio, de que a morte da creança se deu por diversa maneira. Dada a bondade da mãe do menino, os seus extremos e a sua dedicação pelo filho, não se póde deixar de conhecer que a morte foi produzida por um acto de somnambulismo. A mãe dormia. Tinha somnos profundos. Dominada pela phantasia, que lhe mostrava o filho moribundo, levantou-se da cama e levou o filho para outro logar, para o monte de cal, como que escondendo-o debaixo das caixas, que alli formavam angulo recto. Depois, sonhando sempre, voltou para cima da caixa, dormindo ainda. A creança fraca e doente morreu logo asphixiada sobre o monte de cal. Não se póde dar outras explicações. Os facultativos, que fizeram o exame directo, são d'esta opinião porque não encontraram vestigios que auctorisassem diversa origem a esta morte singular. Em todo o caso, as auctoridades judiciaes continuam a investigar sobre este facto interessante.

— Na romaria de Fermentellos. Festeja-se a Senhora da Saude. O extenso arraial cheio de gente. Grande arruido por toda a parte. Quando se faziam as «cavalhadas, um creado do sr. dr. José Paes da Gra[illegible] atropellava a multidão. Um popular, calcado pelo cavallo em que montava aquelle creado, bateu no creado e no cavallo. O sr. dr. Joeé Paes veio em defeza do servo e o popular descarregou-lhe uma pancada que lhe resvalou pela cabeça, ferindo-o ainda. E' como nos contaram o incidente.»

Mau simptoma é este! Depois de uma retractação voluntaria, uma paulada n'um arraial... é de tremer e de fugir.

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

A cabeça da *baila* corresponde á quarta parte da extensão total do corpo. O vomer apresenta a região inferior armada de dentes em fórma de carda. O diametro do olho é egual ao espaço preorbitario, e corresponde á quarta parte do comprimento da cabeça. As escamas, que defendem o operculo, o espaço inter-orbitario e as faces, têm a margem posterior denticulada.

A linha longitudinal é composta de setenta e oito escamas; a transversal de vinte e seis.

As barbatanas não apresentam differença alguma das do *roballo*,

A *baila* tem ainda uma coloração egual á d'aquelle peixe, apresentando apenas sobre o dorso e os flancos umas pintas circulares pretas, dispostas irregularmente. O tamanho maximo da *baila* é de 0m,26 de comprimento.

Este peixe é vulgar nas Costas do littoral e na Ria d'Aveiro, onde se reproduz durante os mezes de junho e julho. A sua carne tem um sabor egual á do *roballo*.

16.ª

Besugo; peixão

Pagrus acarne, Cuv. e Val., *Hist. Nat. des Pois*, pag. 191, vol. VI—Cuv., *Se Règ. an. dist. d'aprés son org.*, est. 35—Guich., *Expl. scient. de l'Alg. pendant les an. 1840, 41, 42*, pag. 51—Günth., *Cat. of. the Acanth. Fish. in the col. of Brit. Mus.*, pag. 480, vol. I—Bonap., *Cat. met. dei Pesc. europ.*, pag. 53—Ris., *Hist. Nat.*, pag. 361 Pagellus Ousenii, Günth., *op. cit.*, pag. 478. vol. I.—Acarne, Rond., *L'Hist. ent. des Pois. comp. prem. en lat. maint. trad. en franç., avec leurs port. an naïf.*, pag. 151, vol. XV—Sparus berda, Ris., *Ichth. de Nic.* pag. 252.

Nomes vulgares:—*Besugo; Peixão*; Aveiro. *Axillary Bream;* Inglaterra. *Fragolino*; Italia.

O *besugo* pertence ao genero *Pagellus*, subfamilia *Sparini*, familia *Sparidae*. O seu corpo é oblongo, elyptico, e coberto de escamas grandes resistentes com a borda posterior provida de espinhas microscopicas. Cabeça mais comprida do que alta, muito dura; rostrum rhomboide; bocca pequena, tapetada interiormente de uma muscosa cór de laranja, escura; maxilla superior um pouco mais extensa que a inferior, e ambas anteriormente providas de dentes asperos e cortantes, dispostos em fórma de carda, e de mollares redondos nas partes lateraes; linha lateral descrevendo uma ligeira curva e composta de setenta e quatro escamas. Olhos grandes, circulares, de um amarello claro, situados ordinariamente na região superior da face; iris chanfrada na parte anterior, preta e irregular; lingua branca, não adherente na extremidade, curta e ponteaguda.

As barbatanas peitoraes são falcifórmes, sustentadas por dezeseis raios firmes, e medem aproximadamente 0m,079 de comprimento. As ventraes são sustentadas por um só raio firme e seis rudimentares. A dorsal, por onze firmes, e dez rudimentares e mede 0m,046 de comprido. A anal é sustentada por tres raios firmes e nove rudimentares. A caudal por dezesete raios firmes, e mede geralmente 0m,062 de extensão.

O *besugo* apresenta uma coloração rosada no individuo novo, que no littoral d'Aveiro se denomina *peixão*, e vermelha-purpura no adulto. Na articulação das peitoraes manifesta uma larga nodoa sanguinea, muito brilhante, que nos exemplares adultos é muito mais carregada e tocada de laivos dourados. As barbatanas peitoraes, ventraes e anal, são brancas, com reflexos prateados nas extremidades.

Este peixe é vulgar nas Costas do littoral. Na safra de 1871 pescaram-se quantidades fabulosas de *Besugo*, havendo lanços que produziram 700:000 a 1.300:000 individuos em pleno estado de desenvolvimento. Em 12 de novembro de 1873 uma das nossas companhas da Costa de S. Jacintho deu um lanço enorme de *besugo*, que produziu aproximadamente 110 lotas. Ora, cada lota é composta de 7 enxalavares, e cada enxalavar póde conter 3:600 peixes. Segue-se, que o numero provavel dos individuos d'esta especie pescados n'esse lanço foi de 2.672:000!

O ultimo lanço grande de *besugo* a que tivemos occasião de assistir e que, infelizmente, encerrou o periodo aureo da pesca d'este peixe, foi o de 21 d'outubro de 1880. A quantidade pescada póde calcular-se em 80 lotas. D'então para cá, o *besugo* tem rareado extraordinariamente, apparecendo apenas uma ou outra vez, entre a sardinha e o chicharro, mas em quantidades relativamente insignificantes.

Na Ria d'Aveiro apparece, por acaso, raras vezes. O *peixão* é frequente n'esta grande bacia hydrographica.

A carne do *besugo* é muito delicada. Nos annos de grande abundancia, quando a offerta era maior que a procura, costumavam os mercanteis escalal-o, mantel-o 15 a 20 dias na moura, e mandal-o depois, nos mezes do inverno, para o mercado, dando assim maior preço, porque o *besugo* salgado é superior a muitas especies de peixe fresco. O que hoje apparece não chega a satisfazer as necessidades immediatas do consumo.

Tal tem sido o seu decrescimento n'esta região. Sem sabermos a que attribuir este phenomeno, limitamo-nos a registal-o com profundo sentimento.

17.º

Bodião

Labrus merula, Lin., *Syst. Nat.* pag. 480, vol. I—Günth., *Cat. of the Acanth. Fish. in the col. of Brit. Mus.*, pag. 72, vol. IV—Bonap. *Cat. met. dei Pesc. europ.*, pag. 82—Cuv. e Val., *Hist. Nat. des Pois.*, pag. 80, vol. XIII—Cuv., *Le Rég. an dist. d'ap. son org.* est. 86—Lacèp., *Hist. Nat. des Pois.*, pag. 157, vol. IX—Ris.. *Hist. Nat.*, pag. 306; *Ichth. de Nic.*, pag. 225—Labrus niger; Turdus niger, Willuh., *De Hist. Pisc. lib. quat.*, pag. 320—Labrus virens, Brun., *Ichth. Mas. sist. Pisc. descr. eorumque apud inc. nom.*, pag. 53—Labrus coeruleus, Ris., *Hist. Nat.*, pag. 305; *Ichth. de Nic.* pag. 225 =Labrus limbatus, Cuv. e Val. *ob. at.*, pag. 89, vol. XIII.—Labrus lividus, Cuv. e Val., *Ob cit.*, pag. 87, vol XIII=Labrus ossifagus, Ris., *Ichth. de Nic.* pag. 223 —Merula, Bonap., *Icon. della Faun. ital.* pag. 109 — Rond., *L'Hist. ent. de Pois. comp. frem. en lat., manitenp. trad. en franç. avec. leurs port. en naïf.*, pag. 148, vol. VI—Aldrovandus, *De Piscibus, libri V, et de Ceitis, libri unus*, pag. 32 e 35, vol. I—Salvian., *Aquat. an. Hist.*, pag. 223.

O corpo d'este peixe é oval; cabeça mais comprida do que alta; rostrum arredondado e muito espesso; dentes conicos, regulares, e em numero de doze de cada lado da maxilla superior e de onze na maxilla inferior. A parte posterior do operculo—que tem a fórma triangular—apresenta-se provida de uma tunica membranosa; suboperculo allongado; inter-operculo guarnecido na região superior de tres pequenas escamas consistentes; e face coberta de doze fileiras de escamas.

Olhos circulares, situados na parte superior da face, cercados de doze póros dispostos em linha parallela ao circulo occular.

A linha lateral do *bodião* é muito salliente.

As barbatanas peitoraes têm a fórma redonda e larga. As ventraes, triangulares, inserem-se na parte inferior da região anterior das peitoraes: os angulos são arredondados. A dorsal é sustentado por dezoito raios firmes e quatorze rudimentares, que vão augmentando gradualmente de extensão. A anal é muito parecida com a parte rudimentar da dorsal. A caudal é recta, com os dois angulos arredondados.

O *bodião* é colorido de um pardo escuro, tendendo para a côr de castanha, manchado de azul muito escuro, e um pouco mais claro no ventre.

Este peixe é vulgarissimo na Ria d'Aveiro, reproduzindo-se entre a vegetação, que tapeta os beiraes das calles. Ordinariamente não attinge nunca mais de 0m,06. Na lagoa de S. Jacintho pescámos muitas vezes á chincha e com a arte de mar *bodiões* enormes, medindo aproximadamente 0,m24 de comprimento. A sua carne é molle e não muito grata ao paladar.

18.ª

Boga

Sparus boops, Lin., *Syst. Nat.*, pag. 469, vol. I—Lacèp., *Hist. Nat. des Pois*, pag. 97, vol. IV—Ris., *Ichth. de Nic.*, pag. 242—Brun., *Ichth. mas. sist. Pisc. descr. eorunque apud. inc. nom.*, pag. 44—Rafinesque, *Indice d'Ittiologia siciliana ossia catulogo metodico dei nomi latini, italiani, e siciliani dei pesci, che si rinvengono in Sicilia*, pag. 24 =Box vulgaris, Cuv. e Val., *Hist. Natural des Pois*, pag. 348, vol. VI—Cuv., *Le Règ. an. dist. d'ap. son org.*, pag. est. 36—Günth., *Cat. of the Acanth. Fish. in the col. of Brit. Mus.*, pag. 418, vol. I—Guich., *Expl. scient. de l'Alg. pend. les an. 1840, 41, 42.*, pag. 54—Ris., *Hist. Nat.*, pag. 350—B. Capel., *Cat. dos Peix. de Port.*, pag. 20= Boops canariensis, Val., *Histoire Naturelle des iles Canaries*, pag. 36=Box boops, Canest., *Faun. d'Ital.*, pag. 87—Bonap., *Cat. met. dei Pesc. europ.*, pag. 52=Boops Rondeletii primus, Willug., *De Hist. Pisc. lib. quat.*, pag. 317=Boga, Duh., *Trait. gén des Pêch.*, pag. 544.

Nomes vulgares:—*Boga*; Aveiro. *Rothbrassen*; Allemanha. *Bogue*; França. *Besago*; Hespanha. *Bogue*; *Red-gilt pead*; *Sea bream*; Inglaterra. *Boga; Bobba*; *Feggo*; Italia.

A *boga* constitue o primeiro genero da subfamilia *Obladini*, familia *Sparidae*. O seu corpo é quasi fusiforme, allongado, coberto de escamas largas, angulosas, e denticuladas na extremidade.

Dorso arredondado; ventre comprimido; cabeça larga na região superior; rostrum curto e rhombo; bocca pequena; maxillas perfeitamente eguaes em extensão, ornadas de uma só ordem de vinte e quatro dentes incisivos e chanfrados na maxilla superior, e triangulares e de base larga na mandibula.

(Continúa.)

Facto historico.—Foi a 16 de agosto que a rainha de Portugal—a senhora D. Maria I—declarou o marquez de Pombal reu de grandes crimes e merecedor de grandes penas. Entre as iniquidades d'este homem grandissimo, havia uma de que se não fallava; tão pouco ella avultava no cortejo olympico das glorias e das miserias d'aquelle governo convulsivo. O omnipotente e prepotente ministro, inquerido em Pombal por uns juizes *ad hoc*, (muito do conhecimento e da amizade d'alguns dos actuaes srs. ministros), apoz longos martyrios diarios soffridos na attitude penitente de reu, odiado e vencido, pedia pelo amor de Deus que o deixassem assentar-se e descançar! Quem tal lhe houvera dito! Quando chorava, a sós, a ignominia da sua desventurada sorte não eram os espectros dos Tavoras, do duque d'Aveiro ou do conde de Athouguia, que vinham visitar-lhe a solidão e atormentar-lhe a consciencia; não; era a sombra do padre Malagrida, um misero, um louco, um irresponsavel que elle fizera queimar.—Um louco!...

Suicidio—Coisas de familia.—N'um terceiro andar do predio n.º 8 do beco da Amoreira, em Lisboa, suicidou-se na quarta-feira, por volta das 10 horas da manhã, desfechando um tiro de rewolver contra o coração, o sr. Candido Rodrigues Bellas, chegado do Brazil ha mez e meio. Estava hospedado o suicida em casa de seu irmão o sr. João Rodrigues Bellas. De ha muito que tão desvairada ideia atormentava o cerebro do pobre Candido. A caminho do Brazil tentára lançar-se ao mar e no lazareto chegou a beber uma porção de petroleo. Disseram-nos que o que levára Candido a suicidar-se fôra uma contrariedade de familia. Tinha Rodrigues Bellas uma irmã que casou contra sua vontade. Nunca poude ver o cunhado e por vezes dizia que eram incompativeis, que um ou outro havia de desapparecer. A irmã morreu, deixando umas creanças. Pouco depois morre a mãe do suicida que era possuidora d'alguns bens. Essas creanças são herdeiras de uns contos de reis, dos quaes é administrador, pela ordem natural das coisas, seu pae. Isto acabou por exasperar o Candido, que é chamado do Brazil por motivo da sucessão de sua mãe. A familia andava desgostosa e apprehensiva. Sobre Candido exercia-se uma certa vigilancia. Na terça-feira observava a alguem ao cunhado do suicida, que descia taciturno a calçada da Estrella:

— O' sr. fulano, o que é que você tem, vae com uma cara de lhe ter morrido pessoa de familia.

— Nada, não tenho nada — respondeu.

Mal diria que na manhã seguinte com effeito, lhe morreria uma pessoa de familia, e em semelhantes circumstancias!

A triste occorrencia passou-se assim: Por volta das 10 horas, bateu a engomadeira á porta do quarto do suicida, sendo-lhe respondido de dentro:

—Agora, não, que estou em trajes menores. Eu logo lá mando.

O irmão do suicida, que dormia n'um quarto contiguo, occordou ao ruido, levantou-se, entrou no quarto onde ia passar-se a estranha scena, e foi abrir a janella. Estava n'este trabalho, quando é surprehendido pela detonação.

Precipitando-se para o leito, é innundado por um jacto de sangue que rompeu do peito do desgraçado. E, em quanto elle procurava accudir a seu irmão, as filhinhas do tal cunhado, appereciam á sacada da casa, mal podendo gritar, fazendo sentir, mais por acenos e pelo desvairado das suas physionomias, do que pela voz, que alguma coisa de extraordinario se acabava de passar em sua casa.

A engomadeira descia ainda a escada quando ouviu o estrondo do tiro.

O primeiro medico que accudiu foi o sr. dr. Saraiva, mas só teve que verificar o obito.

O suicida orçava pelos 40 annos. Era baixo e enfezado.

Envenenamento.—Dizem-nos de Braga:

«Fallecendo o abbade de Chavão, Antonio Joaquim da Cunha, natural de Parada de Gatim, espalhou-se o boato de que a morte fôra consequencia *d'um arroz envenenado que a creada* lhe preparara, e taes proporções tomaram esses ditos, que a auctoridade acaba de recolher n'um vaso as visceras do fallecido, afim de serem rigorosamente analysadas. Entretanto, vão depondo sobre o presumido envenenamento differentes testemunhas, e toma vulto, momento a momento, a idéa de que a serva é realmente criminosa.»

NOVAS DE LONGE

Um leque de meio milhão.—Entre os presentes que a ex-imperatriz Eugenia destina a sua sobrinha, a princeza Leticia, por occasião do seu proximo casamento, nota-se um leque, em que está engastado, o primeiro desenho do principe Luiz, morto no paiz dos Zulus.

Este desenho representa um dos extremos do jardim do velho conde de Montijo, que o filho de Napoleão III havia copiado de um quadro a oleo. As duas faces do leque estão ornadas de pedras finas de elevado valor. As veretas são talhadas em amethysta, da melhor qualidade.

O principe Luiz havia dado o leque de que se trata a sua mãe, quando esta completou o seu quinquagesimo anniversario. Segundo dizem os conhecedores, vale este objecto curioso, mais de meio milhão de francos, calculando o valor muito por baixo.

Centenario.—A cidade de Gand, na Belgica, prepara-se para festejar pomposamente o centenario de sôror Boaventura, irmã da caridade, que completa 100 annos de edade, tendo 75 de exercicio de enfermeira de um hospital de doidos, conservando ainda todas as suas faculdades! Abençoada festa, com que se premeia a dedicação d'essa benemerita da humanidade.

Strauss.—Morreu o celebre maestro, o grande compositor, o glorioso chefe de orchestra dos grandes bailes da côrte de Napoleão III e dos afamados bailes da Opera.

Isaac Strauss, nasceu em Strasburgo em 1805; estudou n'um conservatorio de Pariz, fez parte durante 15 annos, da orchestra do Theatro Italiano, tornando-se depois organisador e regente de grandes orchestras. Em 1852 foi nomeado chefe da grande orchestra dos bailes da Opera, para a qual compoz um brilhante e variadissimo reportorio.

O seu nome e as suas producções são conhecidas em todo o mundo.

Tinha 82 annos de edade.

Charles Cros.—Falleceu em Pariz esta personalidade muito original e muito conhecida no mundo litterario e scientifico.

Aos 11 annos, Cros estudava as linguas orientaes; aos 16 ensinava o hebreu e o sanscrito. Deixa numerosos trabalhos astronomicos, um tratado de photographia em côres e uma *mechanica cerebral*. Era um poeta dos mais excentricos e distinctos. Deixa um volume de versos: *Coffret de santal*. Escreveu bastantes monologos, *Hareng Saur*, *le Capitaliste*, *la Bonne*, etc., que, recitados por Coquelin obtiveram suecesso nos salões parisienses.

O commercio da porcelana japoneza e chineza.—Não deixa de ter interesse mostrar, que, apesar da superioridade, que se diz existir na industria ceramica da China, com relação á de todos os demais paizes do oriente, expede o Japão, annualmente, em porcelana e outras louças de barro, quasi o dobro em valor, e mais do dobro em quantidade do que o primeiro d'estes paizes.

Em 1886, foram importados em Inglaterra 153,426 quintaes de productos ceramicos representando um valor total de 511.178 libras sterlinas. D'estes 3,096 quintaes, com o valor de 12,738 libras, eram de procedencia chineza, comprehendendo Hong-Kong, em quanto que o Japão figurou n'esta estatistica com 6,327 quintaes, valendo 31,063 libras sterlinas.

Não ha duvida, que seria impossivel tirar uma conclusão de similhantes algarismos, sem se conhecer a qualidade da mercadoria importada do Japão e da China; no entretanto, póde affirmar-se que os productos japonezes são artisticos e de uma execução ornamental mais perfeita; e que o preço, devendo ser mais elevado do que o dos productos chinezes, é comtudo mais baixo 25 por cento.

O phonographo.—Está para chegar a Londres, de New-York, uma verdadeira curiosidade: um exemplar do phonographo aperfeiçoado, de *Edison, que contém um discurso de* Gladstone, outro de James Balfour, ministro da Irlanda, arias pela Patti e algumas outras preciosidades.

Edison mandou a Inglaterra o mais perfeito dos seus phonographos com o proposito de recolher aquellas notas inspiradas e reproduzil-as perante os atonitos americanos. Estes ouvirão, pois, cantar a Patti em New-York, estando ella em Buenos-Ayres, e fallar, sem o ver, o eloquente orador, gloria do parlamento britannico.

SECÇÃO LITTERARIA

O «POST SCRIPTUM»

(De Léon Tinseau)

Ali vem pelo *bonlevard*, com o seu passo tranquillo e miudinho de mulher de boa saude, de velha raça e de grande estatura, a bella Clotilde de Epissec, de villegiatura em Paris por quarenta e oito horas. Saiu hontem de manhã da sua residencia nos arredores da Vendôme, e regressará ámanhã á noite, feitas suas compras e encommendas. Sómente em janeiro proximo se reintegrará na posse do seu aposento da rua de Varenne onde, n'este momento, Justina, a criada de quarto, está organisando á pressa o acampamento d'uma noite para sua ama e, tambem, o quer que seja parecido com o jantar, a um cantinho da meza.

Clotilde caminha com vagar, como se estivesse só sobre o asphalto, mãos mettidas nos bolsos do seu *dolman* azul guarnecido de astrakan, guarda-chuva curto, muito enrolado e esticado, debaixo do braço. Os transeuntes que acautellem o nariz se não repararem na soberba *tournure* de Clotilde, e se não evitarem a ponteira metallica do guarda-chuva!

Alguns elaboram um d'esses comprimentos já feitos para a occasião, que ao acaso se endereçam ás damas que andam sósinhas, das seis ás sete, entre a Magdalena e a Opera. «Vamos ver se ellas passam!» «Sigam o seu caminho, imbecis!»

Clotilde de Epissec está fóra da esphera das vossas tolas presumpções. Reservem-se para as viuvas de trinta annos menos um quarto, bonitas, espirituosas, avisadas, distinctas, ricas e feitas para todo o munda! Esperem que ella lhes agradeça a acharem a seu gosto! Fiquem certos de que não lhes dá ouvidos, meus caros senhores. Clotilde pára de dez em dez metros, embasbacando em frente das *vitrines* da moda, *flatenning her çose at the shopœindows*, como dizem os inglezes; um prazer que não poderá renovar por estes dois mezes, quando os dias apenas chegarem para as recepções, jantares e visitas, quando a *verdadeira estação* começar.

Mas, em sentido inverso, vem um cavalheiro de boa apparencia, que fuma charuto e encára sem ceremonia todas as mulheres,—o monstro! Todas? não. Unicamente as bonitas. Como se elle se não sentisse muito amoroso de certa viuva que n'este momento está vendo,—pelo menos, assim o pensa,—correr a agua do Loire a quarenta leguas d'aqui! como se não tivesse repetido cem vezes a essa viuva, tanto mais inconsolada, que as outras mulheres não existem para elle! como se sua velha tia, a condessa de Cloyes, tambem viuva, não se occupasse ha tres mezes em o casar com aquella viuvinha, que não o detesta, elle, de Albecourt, ao contrario, mas que ama acima de tudo a sua independencia e se faz realmente rogada para dizer o *sim* delicioso!

Vejam, o bello Amadis, avançar magestosamente, abotoado no seu irreprehensivel *pardessus*. Monoculo para a direita, monoculo para a esquerda, correctamente, é verdade, sem mover a cabeça, sem torcer ou desmanchar o seu aprumo, como faria um cadete de marinha ou do exercito, em formatura.

— Muito espertinha, a formosa e desinquieta loira, que vae ali... Estas burguezas apresentam-se actualmente com um *chic* espantoso. Mas, melhor do que ella, aquella morena, morena um pouco magrita, de ar ligeiramente fatigado... Ah! lá vem Niniche, com o seu cãosinho. Farejou-me, o pobre animal! Não ha nada para ter memoria como os cães. Então, Poc, nada de familiaridades compromettedoras! Não sou absolutamente teu. Já lá vae o tempo em que...

Zás! lançou-se sobre a ponteira do guarda-chuva de madame d'Epissec, que ha um minuto reparou n'elle e antecipadamente se diverte com este *encontro inesperado*.

— Ah! meu Deus! querida madame! Que felicidade! que surpreza! E' singular, realmente... Pensava justamente em madame...

— Olhando para outras? Sabe, meu caro d'Albencourt, que seria posuidor d'uma bella collecção de *provas* se os seus olhos fossem machinas photographicas?... E' seu, este cão?

— Não, madame. Detesto os cães, desde que conheço o seu horror por elles. Os sens odios, são os meus odios; os seus amores os meus amores, e meus olhos, assim como o meu coração, só conteem um unico retrato. Mas, todas as vezes que me apparece, madame, preciso refazel-o, porque a encontro sempre cada vez mais gentil.

D'Albecourt recitou muito bem a sua tirada, porque a *pensava*. Amava sinceramente, seriamente Clotilde, mas como póde amar um homem do mundo, que deu muito nas vistas, no anno do Senhor de 1887. *O homem d'uma só mulher*, que é a questão capital da *Denise*, não existe... pelo menos quanto aos olhos. A fidelidade fez progressos, como a quaresma, accommodando-se á fraqueza da humana natura. Já se não é precito por se comer um pastel de carne em dia de jejum, comtanto que seja pastellinho (que é magro), nem por se deitar o monoculo a uma mulher bonita que passa, mesmo se ella é confortavelmente gorducha.

Clotilde é demasiado do seu tempo para ignorar isto; além de que d'Albecourt agradava-lhe, e as mulheres desculpam muitas coisas áquelle que soube agradar-lhes. Esta mulher de alto valor, bonissima, de inexcedivel rectidão, é tambem extremamente positiva. Sabia que a viuvez é irmã gemea das viagens de recreio. E' uma encantadora maneira de occupar a mocidade, mas um ou outro dia, é forçoso regressar da digressão e armar tenda, ou, antes, edificar uma casa solida.

Desde alguns tempos, pensava a bella viageira em abordar as margens d'um segundo hymineu, mas, como pessoa prudente, velejava ainda ao largo, vigiando a terra, sondando a costa, antes de amarrar para sempre o querido barco da sua independencia. Estudava Christiano d'Albecourt com minucioso cuidado, mas com o vivo desejo de o encontrar digno do seu coração e este modo de vêr, esta impressão não a occultára ella á viuva condessa de Cloyes, amiga de ambos, que manobrava com a paciencia e habilidade de velha mulher experiente e de espirito os fios d'esta honesta intriga.

— Onde deseja que a acompanhe? perguntou Christiano, obtendo previamente permissão de lhe servir de escolta.

— A' minha porta, se o seu coração sabe esse caminho. A distancia é grande, mas eu tenho pés de ferro, é para mim muito agradavel ir conversando. Dever-lhe-hei o esquecimento da rua de Varenne, que é longe, e que morro de fome.

— Pois bem! se morre de fome, sabe o que convém fazer? Acompanhar-me no jantar.

— Senhor! protestou a joven mulher encrespando seus bellos sobr'olhos com indignação theatral; penso que ouvi mal... Se não soubesse quem era...

— Sim, mas sabe quem sou. E sabe quanto e como a amo. Não seria capaz de acompanhar-me ao fim do mundo?

— Ao fim do mundo, certamente; mas a um *restaurant* de Paris, onde seriamos vistos por qualquer imbecil que iria dizer coisas...

— Que espero se digam hoje ou ámanhã,—questão de tempo. Seja boa, querida... madame. Peço-lhe pela sua vida! póde dar-me duas horas de alegria. Venha. Que receia? Quer que a sirva como um rainha, sem me sentar á meza, a seu lado, que fique de pé, atraz da sua cadeira.—ou em sua frente, para que possa contemplar os seus bellos olhos, os seus alvos dentes e os seus rosados labios?

— Lingua de serpente! Fascinador perigosissimo, acceito! Mas... não se encha de orgulho. Entre nós, mostrar-me-ia menos facil se um bom jantar me esperasse em casa, em vez da cosinha de minha criada, muito sabia em mo arranjar o quarto, mas ignorante a ponto de não saber como se faz um simples *beef*. Vá, meu caro visconde, agradeça ao ceu ter-se encontrado com uma mulher que gosta de comer bem, e que lhe permitte que... coma egualmente!

O difficil foi escolher o *restaurant*. Convinha um sitio bom, mas que não désse muito nas vistas, por causa dos *encontros*. Apoz reflectido exame, Clotilde, que conhecia Paris como os finissimos dedos das suas nevadas mãos, designou o famoso X...

— Ahi não sou conhecido, objectou Christiano, que era homem de habitos adquiridos.

— Tanto melhor! Isso evitar-me-ha o prazer de ouvir a qualquer dos criados:

«Jamais duas vezes seguidas com a mesma!

— Ingrata! Bem sabe que estou convertido. Se a minha conversão deve ser em pura perda, lanço a responsabilidade á sua consciencia.

Madame d'Espissec respondeu por um olhar assaz tranquillisador. N'esra hora, estava ella furiosamente bem disposta a respeito do seu amphytrião, e creio que o seu appetite contribuia immenso para tal disposição. As mulheres são-nos sempre reconhecidas—por mais ou menos tempo—pelos prazeres que lhes proporcionamos; mas, já notaram uma coisa? é que em facto de jantar ou ceia, é que o reconhecimento existe *antes*, e se se trata de amor, vem *depois*. Sem duvida que a digestão lhes carrega o estomago, emquanto que...

Eis uma phrase que eu jamais completarei!

O bello Christiano não perdia tempo: ia andando e amontoando declaração sobre declaração, madrigal sobre madrigal.

— Como está hoje formosissima! dizia elle.

— Realmente? hoje?... Pobre de mim! Que tristeza ámanhã, quando recair na minha fealdade!

Ella sorria, com um ar quasi nada inquieto. Christiano, propoz-lhe, segundo as regras, a escolha d'um *bouquet*.

— Não, agradeceu ella. Mais tarde. Limito-me por emquanto a prender um botão de rosa no meu *corsage*, para que o jantar não seja de todo isento de flores.

A *vitrine* d'uma florista apresentava o seu perfumado mosaico sob os jorros fulgurantes dos reverberos do gaz. Entraram. Albecourt escolheu tres magnificas *goire de Dijon*, e deu um louis para pagar. A florista não tinha que trocar. Sairam para fazer o cambio do dinheiro. Voltaram, e seguiram seu destino.

A partir d'este momento, Christiano deixou de ser o mesmo homem. Perdera a sua *verve* amorosa e parecia constrangido.

— Dar-se-ha caso, pensou madame d'Epissec, que ficasse de mau humor por ter pago o *bouquet*?

No *restaurant*, nova surpresa. Este grande homem do mundo mostrou-se d'uma economia superior a toda a censura. A pretexto de não ser apaixonado de ostras, mandou apenas vir uma magra duzia de Marennes para a sua interessante conviva. O vinho foi de preço medio, e offereceu champagne com tanta indifferença, que Clotilde recusou. O *menu*, incontestavelmente sufficiente, foi comtudo calculado para não exceder honestos limites.

Ella desejou, depois do *roti*, uma gallinhola: apenas lhe serviram uma perdiz. Os *hors-dœuvre* foram respeitados como preciosas recordações de familia.

Além d'isto, Christiano mostrou-se tão economico de espirito e *d'entrain* como de prodigalidades culinarias. Estava preoccupado, moroso, menos do *morno*. Certamente, madame d'Epissec acceitando este jantar em *tête-à-tête* commettera senão uma imprudencia, —sabia que estava com um homem galante,—pelo menos uma quasi-excentricidade. Mas, pelas disposições em que o via, sentia-se tanto em segurança como se estivesse jantando com o seu tabellião de Vendôme, sexagenario gottoso.

O jantar não foi demorado; parecia mesmo que d'Albecourt estava impaciente por terminar. Tomou o café como uma tisana, não provou licores e, quando lhe trouxeram a conta, viu-se a sua physionomia contrair-se como se fosse a citação d'um beleguim judicial, intimando-lhe o pagamento d'uma grossa importancia.

Particularidade apenas acreditavel! Levantou-se, chamou o criado de parte e discutiu a conta! Encontrou um erro insignificante, pagou de má cara e deu uma gorgeta ridicula.

Clotilde estava assombrada d'estas maneiras burguezas, que a teriam escandalisado mesmo se elle fosse seu marido ha dez annos. Não havia que duvidar, d'Albecourt era avarento! Ora, Shakespeare esqueceu-se de ajuntar a avareza ás tres coisas que, na opinião do poeta, a mulher mais detesta no outro sexo. Madame d'Epissec teve uma decepção completa esta desastroso jantar ficava-lhe para sempre na memoria.

— E comtudo, pensava ella, é uma felicidade que o acaso me esclarece a tempo. Eu, esposa de um homem que paga um jantar miseravel e discute a conta com o criado!... Antes um dissipador para marido. Mas, quem sabe? Talvez o pobre rapaz perdesso ao jogo...

Para saber realmente que idéa devia fazer, chamou a conversação para o mal-estar geral, para as más colheitas, e os rendeiros que não pagavam.

— O facto é, respondeu Christiano, que as terraz estão convertidas em propriedade de luxo, e agora me lembro o que seria feito de meu pae se elle não pozesse metade de sua fortuna n'um banco.

— Meu amigo, declarou Clotilde, façamos as despedidas e peço-lhe que chame a carruagem. Preciso voltar a casa, e disse a meu velho tio de Branges que me acompanhasse esta noite.

Entretanto, era agora d'Albecourt que tentava demoral-a; mas ella não tinha desejos de ficar. O encanto dissipára-se. Esperára uma loucura divertida, uma especie de aventura *para bom fim*, com um cavalleiro respeitoso, mas galante, que a enchesse de mimos, como se faz ás *outras*, e sái-lhe uma semsahoria, um homem que simplifica o *menu* e paga resmungando! Todas as insistencias de Christiano foram inuteis; nem mesmo lhe consentiu que a acompanhasse. Regressou a casa de mau humor e, com o sorriso a trasbordar de ironia, pagou ao cocheiro que a transportou no trem.

— Ao menos, diminui-lhe as despezas que fez por mim! pensou ella.

No dia seguinte, quando despertou, estava triste como se alguma coisa se tivesse despedaçado na sua vida. Porque, no fundo, habituára-se á idéa de ser um dia esposa de Christiano.

Regressando a Vendôme, foi visitar a condessa viuva de Cloyes. Era para ella uma attenção penosa, porque não se tratava nada menos do que de prevenir a sua velha amiga da resolução que tomára, o que, naturalmente, affectaria muito a sensibilidade da velha tia de Christiano.

— Seja bem apparecida. *ma tout belle*, exclamou a condessa do seu fauteuil, e venha confessar-se dos seus peccados. Ah! pequenina mascara, faz bonitas coisas quando vae a Paris! Esta ingenuasinha pelos *restaurants*, em gabinete particular, com o seu amoroso! Vamos, confesse e arrependa-se. Está bem compromettida, minha amiguinha. Todo o Paris vae fallar n'essa aventura. Felizmente estamos em vesperas de reparar esse damno.

Madame de Epissec conhecia desde muito o amor da amavel velha pelos gracejos d'este genero.

— Quero crer, replicou ella, que não estou tão compromettida como lhe parece. Em todo o caso, fico só com a minha deshonra. Reflecti e, precisamente, venho dizer-lhe que... prescindo de reparação.

— Em verdade! Bom! Arrufaram-se, hein?... conheço isso: no meu tempo vi representar-se muitas vezes *o Despeito Amoroso*. A' fé de quem sou, não juro que eu mesma não o representasse, por minha conta e risco. Vamos, minha amiguinha, que lhe fizeram? Falle. Quero saber em que é culpado esse meu endiabrado sobrinho.

— O sr. d'Albecourt não me fez nada. E' um homem extremamente honrado, sério, lealissimo...

— Ai, Deus do ceu, estamos perdidos! Pobre Christiano! Preferiria que lhe chamasse infiel, prejuro, bandido!... Sabe que meu sobrinho vae adoecer de desgosto?...

— Faz-me grande honra, condessa: Não imagina quanto elle a ama. Até aqui quem o quizessem vêr fugir era fallar-lhe em casamento; apenas a conheceu, escravisou-se absolutamente e não quer que lhe fallem em outra coisa. Emfim, que ha? não o acha assaz bello, rico e joven?...

—Não digo o contrario. Somente...

— Seu passado um pouco turbulento inspira-lhe receios para o futuro?

— Meu Deus! não. Tenho tanta coragem como outra qualquer: A questão não é essa. Sou feliz como estou; não quero mudar; mais nada. E' uma resolução tomada.

— Infeliz sobrinho! desventurado rapaz! E' um raio que o fulmina, e que elle de certo não espera! Confesse, a ultima vez que o encontrou não era *para desalentar*... Olhe, veja esta carta que recebi hoje, pela manhã. Veja como elle se expressa a seu respeito:

Uma mulher nunca se recusa a ler prosa que lhe diga respeito. Clotilde tomou a carta e disse de si para si que Christiano escrevia melhor do que fallava. Que admiração, que enthusiasmo, que mocidade n'essas paginas em que ella era o thema unico! A sua *toilette*, os seus menores gestos, as mais insignificantes palavras, tudo era referido, ornamentado, aformeseado. Nunca se lhe afigurou que fosse tão espirituosa e encantadora; e comtudo, não era mulher de ridicula modestia.

O olhar desconsolado da pobre condessa não se despregava de madame d'Epissec, que dobrou docemente a carta, meneando a cabeça. No fundo, agradecia o amor de Christiano; e perdoar-lhe-ia os defeitos, todos os defeitos, excepto a avareza.

— Ah! fez ella, não vi o *post-scriptum*... Posso ler?

Ella esperava encontrar ainda algumas phrases de admiração, um ultimo supplemento de louvores. As mulheres—e os homens tambem!—gostam tanto de ser lisongeados! O *post-scriptum* era assim concebido:

«Esquecia-me contar-lhe um detalhe, que a fará rir. Quer acreditar que sai sem levar dinheiro na bolsa?! Sempre distraido, como vê. Imagine a minha atrapalhação; tive suores frios. Era possivel que eu pedisse emprestado á minha bella convidada para pagar o jantar que lhe offereci?... Emfim, graças a dois ou tres *loais* que encontrei perdidos no bolso, salvei-me, mas de que maneira! Quando sai do restaurant nem sequer para pagar uma corrida no mais ordinario trem de praça. Emfim, comi pouco, fiz triste figura e fiquei a arrebentar... de fome!»

Madame d'Epissec sorria sem dizer palavra, com ar estranho. A pobre condessa, opprimida pela emoção, perguntou-lhe:

— Então, está decidida? Acabou-se? Acabou-se tudo?... Infeliz sobrinho?... Como lhe mandarei dizer *não?!*

A desolada senhora já não tinha vontade de gracejar; mettia dó. Foi por piedade, sem duvida, que Clotilde caiu sobre a almofada em que a respeitavel octogenaria descançava os pés, e disse-lhe beijando-lhe as mãos:

— Uma vez que o *não* é tão difficil de escrever... escreva o *outro*.

Não comprehendendo nada do que se passava, mas rejuvenescida quinze annos, a condessa quasi suffocou com um abraço a futura sobrinha e, com voz vibrante:

— Escrever! replicou; jamais! O correio vae muito devagar, antes o telegrapho. Mas ignoro como se faz isso. Se lhe parece, *mignane*, é melhor expedir-lhe o *seu* telegramma.

E eis como, duas horas depois, Christiano recebia este telegramma, que o fez pallidecer de alegria:—Sim. —*Clotilde*.

(Trad). *Agnello Oscar.*

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 13

Varios despachos de instrucção publica.

João de Deus nomeado commissario regio geral do methodo de leitura da cartilha maternal.

Relação dos portuguezes fallecidos nas areas dos consulados da Bahia e Bombaim, referida ao mez de novembro de 1887.

Ordem da armada.

Despachos de varios empregados para o Ultramar.

Portaria estabelecendo o tirocinio para os alumnos do curso especial de correios e telegraphos.

Diario de 14

Carta de lei ácerca da expropriação por zonas.

Carta de lei applicando ao serviço dos incendios no Porto, as disposições dos artigos 173 e 174 da lei de 18 de julho de 1885.

Decreto para a expropriação, por utilidade publica, das edificações nas escadas dos Guindaes, afim de construir-se um elevador á Batalha.

Annuncio de estar aberto concurso para a adjudicação das aguas do Gerez.

Decreto nomeando a commissão para proceder aos estudos, para estabelecer por conta do Estado a moagem, fabrico de pão, bolacha, massas *alimenticias, e os parques de forragens*.

O *Diario* publica um telegramma de Berlim dizendo que o imperador da Allemanha offereceu a sua magestade el-rei D. Luiz o commando do vigessimo regimento de infanteria.

40

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— *Amen!* replicou o bufão; e foi ajudando o frade a atar as immensas pontas, como então se chamava aos laços que prendiam os calções e o gibão.

Durante esta operação, Locksley chamou o cavalleiro de parte, e disse-lhe:

— Não podeis negar, senhor cavalleiro, que fostes vós que decidistes o premio da batalha no segundo dia do torneio?

— E sendo assim, que quereis concluir?

— Que vos considero como um homem disposto a tomar o partido do fraco.

— É o dever d'um cavalleiro, e sentiria que me podessem suspeitar capaz de os não preencher

— O que eu desejo é que sejais tão bom inglez como bravo cavalleiro, pois que a empreza de que tenho a fallar-vos é em si mesmo um dever para todo o homem honrado, e sobre tudo para um inglez.

— Não podeis bater a melhor porta. Os interesses da Inglaterra, e os do ultimo inglez, a ninguem podem ser mais caros do que a mim.

— Assim o desejo de todo o meu coração, pois que jámais a Inglaterra teve tanta necessidade dos que a amam. Escutai-me pois, e dir-vos-hei, parte d'um projecto para o qual, se sois realmente o que me pareceis, podeis cooperar honradamente. Um bando de velhacos, tendo tomado o traje de homens, que valem mais do que elles, acabam de se apoderar d'um nobre inglez, chamado Cedric o saxonio, da sua pupilla, do seu amigo Athelstane de Conningsburg, e de todo o seu sequito. Levam-nos ao palacio de Torquilstone. Pergunto-vos se, como bravo cavalleiro, como verdadeiro inglez, quereis ajudar-nos a livral-os?

— Sou obrigado a isso pelos meus juramentos; mas quizera saber quem sois, vós que me fallais em favor d'elles.

— Eu sou... um homem sem nome, mas amigo do meu paiz, e dos amigos do meu paiz. Deveis por ora contentar-vos de me conhecer assim, e podeis fazel-o tanto melhor que vós mesmo deveis ficar incognito. Acreditai comtudo que, quando eu dou a minha palavra, ella é tão inviolavel como se eu trouxesse esporas d'ouro.

— Acredito-o de bom grado.. Estou habituado a lêr nas fisionomias, e leio sobre a vossa a franqueza e a coragem. Não vos farei portanto mais perguntas, e limito-me a dizer-vos, que concorrerei com grande prazer a fazer pôr em liberdade os captivos opprimidos, depois do que espero que nos conheceremos um pouco melhor, e que ficaremos contentes um com o outro.

— E então agora, disse ao ouvido de Gurth Wamba, que, depois de ter ajudado a vestir o ermitão, se tinha aproximado dos dous interlocutores e ouvido o fim da conversa, temos um novo alliado? Espero que o valor do cavalleiro ha de ser de melhor serviço, do que a religião do ermitão e a honra do yeoman; pois que este Locksley parece um verdadeiro ratoneiro, e o reverendo irmão um franco hypocrita.

— Silencio! Wamba, silencio! respondeu Gurth; tudo isso pode ser verdade, mas nem todas as verdades se dizem, e se o diabo me viesse offerecer a sua ajuda, para soccorrer o nosso amo e a lady Rowena, duvido que fosse assaz religioso para lhe recusar os seus serviços.

O ermitão havia-se tornado, com o seu novo traje, n'um verdadeiro archeiro com a espada e o escudo, o arco e a aljava, e a partazana ao hombro. Foi o primeiro que saiu da ermida, fechando depois a porta com cuidado, e mettendo a chave debaixo d'ella.

— Estarás tu em estado de nos ser util? lhe perguntou Locksley. As fumaças do vinho não te escurecem os miolos?

— Convenho, respondeu elle, que me parece vêr dançar todas as arvores, e que as minhas pernas não me permittem dançar com ellas: mas o poder de S. Dunstan é grande, e vereis que n'um instante já não ha de ser nada.

Ao mesmo tempo avançou para o tanque de que já fallamos, do qual caia em primeira queda a agua da nascente, que formava depois um pequeno regato, e que se chama a fonte de S. Dunstan. Tendo-se estendido com o ventro para o chão, bebeu agua como se quizesse esgotar a fonte.

— Santo ermitão de Copmanhurst, disse o cavalleiro *negro*, que tempo ha que não bebeste tão copiosamente d'esta agua?

— Desde que uma pipa de vinho das canarias, deixando escorrer o conteúdo por um suspiro não canonico, só me deixou por bebida aquella que devo á liberalidade do meu santo patrono.

Mergulhando depois os braços e cabeça na fonte levantou-se, e foi sarilhar a sua partaza por cima da sua cabeça com tres dedos da mão, como se mechesse uma chibata.

— Onde estão, exclamou elle, estes raptores que roubam lindas rapparigas contra a sua vontade? Quero que os diabos me levem se acaso não estou em estado de bater uma duzia.

— Não jureis, santo ermitão, diz o cavalleiro *negro*.

— Já aqui não temos ermitães. Bom S. Jorge e o dragão! quando largo os habitos deixo de ser frade. Quando tenho sobre as costas a minha casaca verde, estou em estado de beber, de jurar, de amarrotar uma anagua, tão bem como qualquer alegre forasteiro de West-Riding.

— Vamos, alegre padre, diz Locksley, silencio! Só tu fallas tanto como um convento inteiro na vespera de uma festa, assim que o abbade se deita. É preciso não perder tempo em parolar; trata-se de reunir todas as nossas forças, de que havemos de ter necessidade, se fôr preciso dar um assalto ao palacio de Cabeça-de-Boi.

— Como assim! exclamou o cavalleiro *negro*, é Cabeça-de-Boi quem prende os vassallos do rei n'uma estrada real? Então já se tornou opressor e salteador.

— Oppressor sempre elle foi, diz Locksley.

— E salteador, diz o ermitão, estou certo de que o é dez vezes mais do que muitos que conhecemos.

— Adiante, capellão, adiante! diz Locksley, e cala-te. Trata-se de chegar promptamente ao logar da reunião, e não de dizer o que por decencia ou prudencia deve jazer envolto em mysterio.

XIX

Oh! quantos dias e annos tem corrido
Sem que esta mesa visse humanas formas;
Sem que uma lampada ou vóla aqui brilhasse!
Julgo ouvir ainda os sons antigos
Sob estas arcadas murmurando
Como horrisonas vozes de finados
Que partem lá das suas sepulturas.

Ora. tragedia.

Em quanto se tomavam em favor de Cedric e dos seus, as medidas, de que acabâmos de fallar, os homens armados que se tinham apossado d'elles conduziam-nos para o logar de segurança, onde contavam tél-os captivos. Mas a noute era escura, e os bandidos não conheciam bem as veredas do bosque. Por este motivo tiveram de parar muitas vezes, e mesmo, uma ou duas foram obrigadas a retroceder, para se certificarem do caminho que deviam seguir. Foi-lhes necessaria a claridade da aurora, para conhecerem que estavam no verdadeiro caminho; tomaram confiança e marcharam com um passo mais rapido.

Foi então que os dous chefes dos pertendidos bandos tiveram entre si a seguinte conversa.

— De Bracy, diz o templario, é tempo de te apartares de nós para fazer o segundo papel da nossa comedia, e preparar-vos a obrar como cavalleiro libertador.

— Fiz novas reflexões, diz de Bracy, e não hei de deixar a minha preza, senão depois de a ter depositado em segurança no palacio de Cabeça-de-Boi. Então me mostrarei a lady Rowena no meu traje ordinario, e espero que attribua á impetuosidade da paixão a violencia, de que me reconhecerei culpado.

— E que motivo vos fez mudar de projecto?

— Isso é cá da minha conta.

— Persuado-me comtudo, senhor cavalleiro, que essa mudança não teve por origem as suspeitas injuriosas, que Fitzurse procurou fazer-nos conceber sobre a minha honra?

— Jámais tómo conselho senão de mim mesmo. O diabo risse, segundo se diz, quando um ladrão rouba outro ladrão, e todos nós sabemos que, quando satanaz assoprasse fogo e betume, não impediria um templario de se entregar ao seu desejo.

— Nem o chefe d'uma companhia franca de ser tratado por um amigo, e um camarada como elle mesmo trata os outros.

— Essa recriminação não quer dizer nada. Conheço a moral da ordem do Templo, e não vos fornecerei a occasião de me arrebatardes o thesouro pelo qual corri tantos riscos.

— Mas que temeis, Bracy? Não sabeis quaes são os votos da nossa ordem?

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

17 DE AGOSTO DE 1888.

São excellentes as noticias que se recebem do estrangeiro sobre a passagem pela Europa da familia real portugueza. Póde dizer-se afoutamente, que ainda nenhum monarcha recebeu, fóra do seu paiz, o acolhimento sympathico e respeitoso que teem recebido, nos paizes percorridos, os Reis de Portugal.

El-rei é hoje coronel do 20 regimento de infanteria prussiana, cujo rico uniforme lhe foi offerecido pelo imperador da Allemanha. Demonstrações são estas que não podem deixar de ser gratas ao paiz.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, antes de sahir de Paris, enviou ao presidente da republica o seguinte telegramma:

«Antes da minha partida de Paris desejo exprimir-vos o meu reconhecimento por toda a consideração que o governo francez me testemunhou durante a minha estada em França, assim como a sua alteza real o duque do Porto».

Na propria França a Rainha de Portugal recebeu as mais elevadas provas de consideração. Fiel aos seus principios d'extrema caridade a Senhora D. Maria Pia não se esqueceu alli dos pobres de Paris, para os quaes deixou larga esmola.

Francisco José deu tambem a El-rei a propriedade do regimento 5 de infanteria. Francisco José II, a imperatriz da Austria-Hungria, a princeza Valeria e os altos dignitarios da côrte esperaram o Rei de Portugal na estação de Ischil, acompanhando-o e hospedando-o no seu proprio palacio.

El-rei passa bem. A viagem temlhe imprimido novas forças, e ha de regressar ao paiz completamente restabelecido.

— O conselho de estado votou a reunião das camaras, para o juramento de sua alteza real, no dia 3 de setembro.

— Conforme as informações da policia, os unicos padeiros que augmentaram o preço do pão em Lisboa, onde são numerosissimos, foram, além de um no largo de S. Raphael, cujo nome nos não occorre, os seguintes: José Martins, rua do Poço dos Negros 18, o qual passou a vender a 40 réis o pão de meio kilogramma, que vendia a 35 réis. Manuel Marques Pinho, rua de Pedro Dias 37, que passou a vender a 65 réis o pão de kilogramma, que vendia a 60 réis. Joronymo Alonso, rua dos Cordoeiros 38, que passou para 40 réis o pão de meio kilogramma, que vendia a 35 réis. José Pereira Lopes, calçada de Sant'Anna 30, que passou a vender a 45 réis o pão de meio kilogramma, que vendia a 40 réis. Cypriano Maria, calçada de Sant'Anna n.º 75, que passou para 40 réis o pão que vendia a 35 réis. Os outros padeiros não levantaram preços. Como, porém, este movimento póde generalisar-se, já hontem foram tomadas algumas providencias para se estabelecerem padarias municipaes.

A questão do pão é ainda a questão do dia. Sobre o assumpto escrevem as *Novidades* de hoje o seguinte:

«Não é sómente de cinco o numero dos padeiros que ergueram o preço do pão. Eleva-se a vinte e sete, sendo estes dos que menos vendem em Lisboa. De tão minguado numero se vê que, sendo cerca de quinhentos os padeiros d'esta cidade, não tem ainda vislumbres do importancia o augmento do preço do pão. O publico facilmente corrigirá as ganancias d'essa gentinha, que tem agora tanto empenho em augmentar o preço do pão porque os moageiros subiram 4 réis em kilogramma de farinha, quanto pouca pressa tiveram em diminuir o preço antigo quando, em agosto do passado anno, as moagens, por virtude da concorrencia estrangeira, baixaram o preço das farinhas a 72 réis. Os desgraçadinhos que agora carpem a sua sorte, metteram no bolso a importancia da baixa, e continuaram a vender o pão pelo preço antigo quando, se o povo lhes applicasse a regra que elles agora lhe applicam, não lhes devia comprar pão senão com o abatimento correspondente áquella baixa. E como estamos em maré de contar as virtudes dos infelizes padeiros, que breve se arrependerão dos seus abusos, ainda vamos referir um lado sympathico da nova questão. Em quanto erigueram as fabricas de moagem o preço das farinhas? Em 4 reis. Quanto pedem os padeiros por 13 kilos de pão, que é o produzido por dez kilos de farinha? 130 reis, correspondente aos 10 reis do augmento em kilo. Logo, ao passo que os padeiros dão ao moageiro 40 reis mais do que antigamente, pelo preço da farinha, recebem 130 reis do consumidor, ganhando n'isto 90 reis. Que contemplação póde haver para os que vivem de explorar tão miseravelmente a bolsa do publico? Não se vê d'esta trapaça um firme proposito de ganhar dinheiro a torto e a direito, um evidente indicio de que o augmento não é subordinado a uma necessidade real mas sim a um plano de exploração? Quaesquer que sejam as medidas adoptadas pelo governo para reprimir a audacia d'estes exploradores, na sua maior parte estrangeiros, recebel-as-ha a cidade de Lisboa com applauso e alegria.

Dois inimigos são os que pódem n'esta questão affligir a bolsa do consumidor: o moageiro e o padeiro. Um, augmentando o preço das farinhas, outro aproveitando-se d'esse augmento não só para o traduzir no preço do pão, ainda que o augmento do preço das farinhas não seja de molde a justificar o augmento d'aquelle preço, mas tambem para á sombra d'esse augmento locupletar-se e enriquecer-se. Contra estes dois inimigos poderosos o governo tem meios para luctar, fornecidos até pela lei votada no parlamento. Se os moageiros persistirem em querer ganhar dinheiro á tôa, o governo fará que em Lisboa estejam em breves dias farinhas com direitos reduzidos, o que lhes trará damnosas consequencias e os fará arrepender da sua gananciosa timosia. Se os padeiros, aproveitando-se das ambições dos donos das moagens augmentarem o preço do pão, o governo esforçar-se-ha porque a camara municipal de Lisboa monte padarias municipaes, o que não levará muito tempo, pois segundo diz um collega nosso e resam as nossas informações, em brevissimos dias estarão montadas tres. E assim os padeiros verão desfeitos os seus castellos de lucros pois, ou as padarias municipaes dão o pão pelo preço antigo dos padeiros e estes serão abandonados pelo publico justamente indignado das suas más manhas, ou o que é quasi certo, o preço diminuirá abaixo ainda do antigo, e então por todas as razões ficarão ás môscas as padarias cujos donos praticaram tantas virtudes. Assim o querem, assim o tenham. Não se afflijam pois os jonaes que se desatam em clamorosos choros—bem te conheço, crocodilo!—sobre a sorte do consumidor. Creiam que o governo ha-de reduzir os moageros e padeiros aos seus deveres, caso persistam as suas velleidades tão revoltantes como as mais soffregas ambições de descarados onzeneiros.

Continuamos a dar o rol dos que vão á frente, n'esta cruzada do augmento do pão. São os srs.: Joaquim Paes dos Santos, rua do Convento da Encarnação 37, 10 reis em kilogramma; Manuel Antonio Moestão, largo de Santa Barbara 1, 5 reis em kilogramma; Ignez de Oliveira & Sobrinho, rua dos Remedios 131, 10 reis em kilogramma; Luiza Maria Moreira, largo de S. Raphael 7, 10 reis em kilogramma; João Martins Carcavello, rua direita de S. Vicente, 10 reis em kilogramma; Joaquim Goes, rua direita de S. Vicente 74, 10 reis em kilogramma; João Pires Figueiredo, beco das Cabras 10, 5 reis em kilogramma; José Victorino Rodriguet, rua do Salvador 24, 5 reis em kilogramma; Martin Rodrigues Dominguez, rua do Chão da Feira, 5 reis em kilogramma; Antonio Gonçalves Ramos, largo de S. Martinho 9, 10 reis em kilogramma; Alfredo Nunes da Conceição, travessa do Alcaide, 5 reis em kilogramma; Faustino Otero de S. Pedro, rua do Livramento 87, 10 reis em kilogramma; João Miguel de Sousa, rua Velha 34, 10 reis em kilogramma; Antonio Joaquim, travessa de S. João Alves 25, 5 reis em kilogramma e 5 reis em meio kilogramma; André Rodrigues, rua do Cruzeiro 25, 10 reis em kilogramma; Manuel José Pinho, calçada da Boa-Hora, 5 reis em kilogramma e 5 reis em meio kilogramma; Manuel Joaquim Rodrigues, calçada da Boa-Hora 51, 5 reis em kilogramma e 5 reis em meio kilogramma; José Joaquim Serra, Casal dos Ossos 22, 5 reis em kilogramma e 5 reis em meio kilogramma; Manuel Antonio Rebello, rua das Madres 116, 5 reis em kilogramma; João Antonio de Carvalho Gandara, rua de Buenos Ayres 46, 5 reis em kilogramma; José Maria Rodrigues Maia, rua de Campolide de Baixo 93, 5 reis em kilogramma.

A' ULTIMA HORA

A padaria por conta do Estado

Segunda-feira installa-se a commissão encarregada do estabelecimento da grande padaria por conta do Estado. Será calculada de modo, que, em 8 horas, possa fazer a farinha necessaria para todos os estabelecimentos do Estado, ficando-lhe 16 horas disponiveis para trabalhar para as padarias municipaes e para o publico.

Consta-nos, por informações particulares, que fóra por alguns padeiros dirigido um requerimento á direcção da respectiva associação para que ella aconselhasse aos associados a elevação do preço do pão, visto o augmento exigido pelas fabricas de moagem. Consta-nos mais que, reunida a associação, respondeu que só poderia ser tal resolução tomada pela assembléa geral, mas que a não julgava acceitavel, por isso que o augmento ainda poderia ser maior no preço das farinhas, sem que este viesse a affectar o preço do pão;—que, assim como aquelles associados, por occasião da diminuição do preço das farinhas não pediram que se aconselhasse a diminuição do preço do pão, tambem agora se acham inhibidos de fazer o pedido inverso.

Acabam de dizer-nos que tambem augmentaram o preço do pão os seguintes padeiros:

Alfredo Nunes da Conceição, rua de Santo Antonio, á Estrella, 20, 5 reis em kilo; João da Cunha, rua do Sol, ao Rato, 151, 10 reis em kilo; Manuel Martins d'Almeida, rua de S. Bento, 375, idem; Joaquim Affonso da Silva, rua de S. Bento, 246, 5 reis em kilo; Antonio Marques, rua de Santa Martha, 83, 10 reis em kilo; Manuel Lopes de Mattos, rua de S. Sebastião da Pedreira, 60, idem; José da Silva, rua de S. Sebastião da Pedreira, 66, idem; Manuel Dias Pardilhão, rua de S. Sebastião da Pedreira, 108, idem; Domingos Rodrigues da Bella, rua de S. Sebastião da Pedreira, 214, idem; Manuel Simões Carraselho Junior, rua de Sant'Anna, 60, idem; Carlos Vasques, rua Direita de Belem, 65, idem; José Pereira da Costa, rua dos Jeronymos, 10, idem; José Marques dos Santos, rua da Correnteza, 5, idem; João Manuel dos Santos, rua Direita de Pedrouços, 18, idem; Manuel Francisco Ferreira, rua do Bom Successo, 46, idem; José Martins Alves, rua do Poço dos Negros, 56, 5 reis em kilo.

Na freguezia da Pena ha uma padaria onde foi elevado o custo do pão de 35 a 45 reis.»

— O sr. Barjona de Freitas, chefe da esquerda dinastica, vae partir para o norte.

— Já regressou a Lisboa o sr. arcebispo de Mitylene.

— Estão vagos cinco logares de juizes nos tribunaes administrativos, logares que vão ser prehenchidos por novos despachos.

— Para ajudante do conservador d'Anadia foi nomeado o sr. Antonio Augusto dos Santos.

— Os irmãos da Mizericordia da Louzã requereram uma sindicancia ácerca do estado da mesma.

— Em New-York estão carregando farinha para Lisboa alguns navios de grande lote.

— Fazem-se grandes preparativos para a batalha de flôres, que na segunda-feira terá logar em Cintra. Apresentarão carruagens: a sr.ª duqueza de Palmella, um carro á Daumont puchado a duas parelhas; a sr.ª marqueza da Foz, a quatro soltas; a sr.ª baroneza de Regalados, um carro enfeitado com gira-sóes amarellos; as filhas do sr. conselheiro José Luciano, um carro ornado com hortencias brancas e azues; uns rapazes, um carro enfeitado com hortaliças e fructas. O sr. Bernardo Pindella montará um burro com os alforges cheios de pastilhas. Acompanharão o carro da princeza os membros da commissão, pedindo para os pobres. Ha grande enthusiasmo.

— No concurso feito hoje para lente de 2.ª classe da escola do exercito, foi votado por unanimidade o capitão sr. Eduardo Villaça, deputado.

— Está aberto concurso por 90 dias para a adjudicação das aguas thermaes e medicinaes do Gerez.

— Noticias recebidas da India dão alli o estado sanitario pouco favoravel.

— A taxa cambial do Brazil continua a subir. As ultimas noticias são de que o cambio sobre Londres estava por mais 1⅛.º, ficando por tanto de 26 3⅛.º. Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

AGRADECIMENTO

OS officiaes de cavallaria 10 cumprem o dever de agradecer a todas as corporações e particulares, que lhes deram a honra de acompanhar á ultima morada, e assistir á missa que mandaram resar no dia 14 do corrente por alma do seu mallogrado coronel Antonio Correia. Igualmente agradecem á phylarmonica *Amisade* a amabilidade de espontaneamente se dignar ir cantar os ultimos responsos no funeral do mesmo sr. coronel.

Não agradecem pessoalmente, por absolutamente lhes ser impossivel.

Aveiro, 16 de agosto 1888.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo d'este regimento, achando-se auctorisado a comprar até 10 cavallos, cada um de 4 annos de edade, podendo ser ou não montados e devendo satisfazer ás condicções prescriptas nos regulamentos em vigor, faz publico que desde o dia 20 do corrente mez, procederá á referida compra na parada do seu quartel desde as 10 horas da manhã até á 1 da tarde.

Quartel em Aveiro 17 de agosto de 1888.

O secretario do conselho,
Fortunato Antonio Mendes d'Almeida.
Tenente.

HOSPITAL D'ALIENADOS DO CONDE DE FERREIRA

ADMISSÃO DE DOENTES

NOVAMENTE são prevenidos as auctoridades e particulares de que, estando actualmente completa a população doente que este estabelecimento comporta, não pódem ser admittidos doentes **em qualquer classe**, sem que aquelles tenham previamente averiguado d'esta Direcção se ha vagatura; do contrario se sujeitam a ter de reconduzir esses doentes, que por falta de logar não possam ser admittidos.

Porto e Direcção do Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, 16 de agosto de 1888.

O Director,
Antonio Maria de Senna.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

3.ª SECÇÃO

Estrada districtal n.º 35-A, de Poiares a Luso

Ramal de Luso á Pampilhosa

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na Administração do concelho da Mealhada, se ha-de proceder á arrematação, em carta fechada, das empreitadas parciaes seguintes:

1.ª—1:500 metros cubicos de alvenaria ordinaria em muros de supporte entre os perfis 8 a 11.—BASE DE LICITAÇÃO 2:550$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 64$000 REIS.

2.ª—2:000 metros cubicos de alvenaria ordinaria em muros de supporte entre os perfis 12 a 17.—BASE DE LICITAÇÃO 3:400$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 88$000 REIS.

3.ª—Fornecimento de 400 metros cubicos de pedra para alvenaria.—BASE DE LICITAÇÃO 240$000 REIS.—DEPOSITO PROVISORIO 6$000 REIS.

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

2.º Documento de competencia para a execução da obra.

3.º Proposta de preço fechada em subscripto separado.

4.º Documento de ter feito o deposito provisorio.

Os desenhos e as condições especiaes da arrematação estão patentes na Administração do concelho da Mealhada, na secretaria da Direcção e na 3.ª secção em Luso.

Aveiro, 6 de agosto de 1888.

O Engenheiro Director,
Casimiro d'A. de Sousa Menezes.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.ª, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a **assignatura** de **Raquin** e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas *pharmacias do estrangeiro, onde se acham as mesmas* capsulas de copahiba de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Dédé, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa doce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

—

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonts.»

—

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1853 — PARIS 1855

Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico da São-Petersburgo.

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mennas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alco*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata ro e tiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junctó.

Pharmac.ª em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

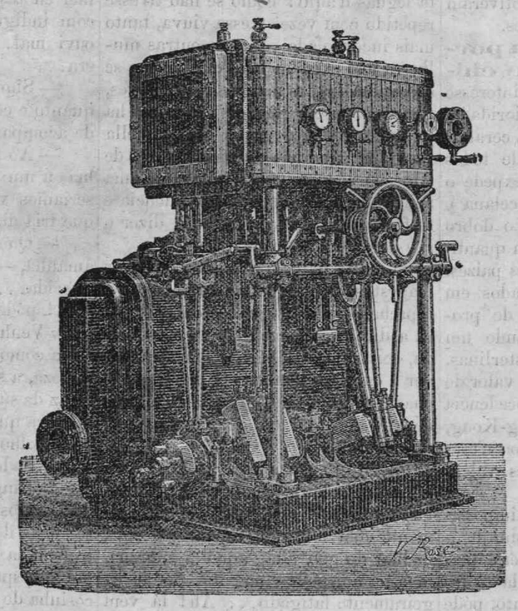
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau*.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, tupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao terro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ondese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida da *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D.r FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaquecas, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 a 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**. — Depositos em todas as principaes Pha.as.

DOENÇAS DO **ESTOMAGO**

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessoas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT**, DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889.. 240
EÇA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes..... 2$000

LIVROS, MUSICAS E JORNAES

As pessoas que desejarem estar em dia com o movimento scientifico, litterario e religoso, nacional e estrangeiro, devem assignar a excellente revista sob o titulo

O MENSAGEIRO LITTERARIO

Esta publicação, além de duas secções—*scientifica* e *litteraria*, collaboradas por proeminentes escriptores, encerra uma outra *bibliographica*, na qual se encontram mencionados todos os livros e musicas que mensalmente vão apparecendo em Portugal, Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha, etc., bem como as novas edições. Condições da assignatura:

Portugal, anno, 2$000 reis; seis mezes, 1$200 reis; Brazil, anno, (moeda fraca) 6$000; seis mezes, 3$600 reis.

Assigna-se na livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro, 51 e 53 —Porto.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS
DE
Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS
DE
Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52, e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98 —Porto.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO